

# Eles Andaram Com Deus



*Jerônimo Savonarola*

*Os surpreendentes e maravilhosos relatos da vida de seis homens e uma mulher que, em diferentes regiões do mundo, resolveram renunciar a tudo para andarem com Deus e levar milhões de pessoas a mudarem completamente suas vidas*



*John Bunyan*



*Daniel Berg*



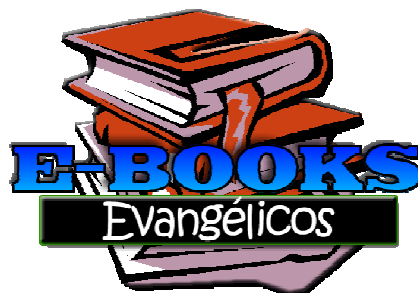
*Nels J. Nelson*



*Emílio Conde*

**Jefferson Magno Costa**

E-book digitalizado por: **Levita Digital**  
Com exclusividade para:



<http://ebooksgospel.blogspot.com/>

Jefferson Magno Costa

*Eles*  
*Andaram*  
*Com Deus*



C837e

Costa, Jefferson Magno.

Eles andaram com Deus/ Jefferson Magno  
Costa. - Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de  
Deus, 1985.

1. Missionários - Biografia. 2. Missões - História. I.  
Título.

CDD -

266.20924

**Código para Pedidos: TB-716**

Casa Publicadora das Assembléias de Deus

Caixa Postal, 331

20001, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

5.000/1985

10.000/1986 – 2ª Edição

5.000/1986 – 3ª Edição

4ª Edição/1994

## **Índice**

Porque escrevi este livro

Prefácio

Jerônimo Savonarola

João Bunyan

Sadu Sundar Singh

Maria Slessor

Daniel Berg

Nels Julius Nelson

Emílio Conde

### **Dedicatória**

*Aos meus pais, José Costa e Núbia Santana Costa, que desde os meus áureos tempos de menino ensinaram-me a andar com Deus; à minha noiva Ana Paula - a escolhida por Deus e pelo meu coração para sempre andar comigo -, e aos jovens que, à semelhança das pessoas aqui biografadas, desejam andar fielmente nos caminhos do Senhor e fazer de suas vidas um motivo de glória e enaltecimento do Evangelho, ofereço este livro.*

## **Porque escrevi este livro**

*Sempre achei que Jerônimo Savonarola - esse homem que trinta anos antes de Martinho Lutero, abalou as estruturas da fracassada Igreja Romana, e abriu o caminho em toda a Europa para a Reforma Protestante -, não ocupara ainda entre nós, os evangélicos, o espaço biográfico de que ele é digno na galeria dos grandes vultos da Igreja. Por isto resolvi biografá-lo. Quanto a João Bunyan, meu propósito foi realizar uma fusão de sua vida com o livro que o tornou mundialmente conhecido: O Peregrino.*

*Notei também que havia uma curiosidade geral em torno de Sadu Sundar Singh, o Apóstolo dos Pés Sangrentos. Após estudar a paisagem da Índia, e reunir os principais dados sobre a vida do grande apóstolo, tracei o seu perfil biográfico. A vida de Maria Slessor, a moça que durante muitos anos evangelizou e pacificou tribos perigosas, despertou em mim o desejo de descrever as misteriosas selvas africanas, povoadas de negros sanguinários e cultuadores do Maligno.*

*A grandiosidade da floresta amazônica, suas paisagens inesquecíveis, seus perigos e mistérios, ainda não tinham sido devidamente descritos em biografias de missionários no Brasil. Todas as vezes que eu lia o livro de Daniel Berg, sentia a pouca utilização desse fator, e aquilo era, a meu ver, um grave erro técnico, sobretudo ao considerarmos a importância e o espaço que a paisagem amazônica ocupou na vida do grande pioneiro e no desempenho do seu ministério. Diante disto, escrevi sobre Daniel Berg, reconstituindo esse espaço geográfico.*

*Textos leves, medianamente líricos, sintéticos, fidedignos e se possível emocionantes - eis o que tentei criar ao' escrever estas biografias. Se o consegui, só ficarei sabendo após a leitura e o julgamento do leitor.*

O autor

## Prefácio

O lançamento de um novo livro sempre gera expectativas de toda ordem para quem está acostumado a abeberar-se nas boas fontes da literatura. Estes sentimentos só não se frustram quando se sabe que a nova Obra enriquece, de fato, o lastro cultural de uma sociedade. O trabalho que ora o leitor tem em mãos, de autoria do nosso companheiro na redação da CPAD, Jefferson Magno Costa, está incluído entre aqueles que correspondem a essas expectativas, pela excelência de sua prosa e a proposta apresentada, que logrou êxito.

"Eles andaram com Deus" reúne sete biografias de ilustres personagens que tiveram um sério compromisso com Deus em relação à sua época e deixaram um rastro luminoso em sua trajetória. Jerônimo Savonarola, John Bunyan, Sadu Sundar Singh, Maria Slessor, Daniel Berg, Nels J. Nelson e Emílio Conde, os três últimos expoentes da cintilante constelação dos pioneiros brasileiros, são vidas que merecem ser perpetuadas através da boa literatura.

Escrever um livro biográfico parece ser, para muitos, tarefa fácil, por terem falsa a idéia de que basta apenas coligir os principais fatos da vida de alguém e colocá-los em forma de palavras. Todavia, este é um trabalho que requer sensibilidade e uma técnica laboriosa para condensar em poucas páginas o retrato de uma vida construída ao longo de várias circunstâncias, às vezes até mesmo contraditórias, sob o peso dos anos que marcam a existência.

Obras desse gênero devem ter uma espinha dorsal que estabeleça o plano geral da vida do biografado, de modo que os pósteros possam conhecê-lo em sua integridade. Não poderia nem mesmo faltar o lado aparentemente negativo, constituído de conflitos, incoerências, avanços e recuos. Estes, olhados sob a perspectiva histórica, com o alcance de uma visão global, dão a dimensão exata do que representou a vida do indivíduo dentro de seu contexto e torna mais cristalino o conhecimento do seu caráter. Por outro lado, as novas gerações precisam buscar nos exemplos desses homens do passado a inspiração que resulte em homens da mesma tempera.

Infelizmente, porém, muitos de nossos livros evangélicos, na área de biografias, omitem esse lado, talvez por excesso de zelo em preservar a imagem do biografado, o que leva os leitores a tê-lo como isento de defeitos e, até mesmo, a idolatrá-lo. Todavia, quando a obra traz uma visão completa, fica então patenteado o lado humano de todos nós e a forma encontrada pelo personagem para superar as suas próprias imperfeições. Assim, as virtudes são realçadas diante dos defeitos. Diríamos, inclusive, que novos caminhos se aclaram para ajudar o leitor a encontrar suas próprias alternativas para a vitória.

Jefferson Magno Costa, ao construir suas biografias, lidou com personagens que não mais se encontram no mundo dos mortais, alguns deles de séculos passados. Mas ele soube tirar proveito das fontes disponíveis, tornando a obra completa dentro do âmbito de suas pesquisas, ainda que não tenha tido acesso a todas as informações contemporâneas de seus

*biografados, por elas terem perecido com o tempo. Fazendo uso de seu vigoroso talento para reinterpretar os fatos com uma roupagem lírica, o autor pôde liberar sua criatividade literária. Dentre outros méritos da obra, aqui está o maior deles, pois o leitor não se sentirá enfadado com narrativas cansativas que mais parecem dados estatísticos. O texto flui com uma linguagem na qual todas as situações se revestem de vida e beleza interior, partindo de um ponto em que apresenta uma visão do biografado em alguma circunstância marcante de sua vida, para então conduzir o leitor ao clímax de toda a história.*

*Em determinada altura da biografia da mulher que pacificou as tribos africanas, Maria Slessor, Jefferson a vê, por exemplo, "em uma noite de luar, com os cabelos adquirindo tonalidade de ouro sob a vermelhidão das tochas, pregando ao maior ajuntamento de tribos negras já conseguidas de uma só vez". Já em relação a Sadu Sundar Singh, o apóstolo da Índia, o autor o descreve com "os pés rubros de sangue, violentados pelos climas glaciais, deixando um rastro vermelho sobre as montanhas do Himalaia, um doloroso rastro de sacrifício pelo Evangelho".*

*Daniel Berg, um dos nossos pioneiros, é outro cuja vida renasce do lirismo da pena de Jefferson Magno Costa. O autor traça o perfil do valoroso missionário como o de um homem "alto, forte, pele clara, cabelos escuros, olhar sereno e decidido", alguém semelhante a um "grande bandeirante, que desbravou o desconhecido, mas tão-somente à procura de almas, de 'esmeraldas' resgatadas das impurezas da terra para serem conduzidas aos tesouros do Céu".*

*Depois de escrever o livro "Paulo Macalão, a chamada que Deus confirmou", o autor da presente obra dá mais um passo em sua trajetória como biógrafo, adquirindo sólida maturidade e lugar garantido na biblioteca dos mais exigentes leitores. É por tudo isso que eu recomendo "Eles andaram com Deus".*

Geremias do Couto  
Chefe da Divisão de Jornalismo



## **Jerônimo Savonarola, o João Batista da Reforma Protestante**

Florença (cidade da Itália), novembro de 1491. O grande sino da Catedral de Duomo acaba de bater meia-noite. Após distender pela décima segunda vez a corda para produzir a última badalada, do alto da torre um homem põe-se a observar as sombras que chegam de várias direções e se reúnem no centro da praça ou sobre os degraus da catedral. São pessoas que vêm dormir ali para, no dia seguinte, garantirem um lugar no interior da grande Duomo. - Celebrar-se-á casamento de nobres? Algum rei será coroado? O Papa visitará a catedral? - Não. Jerônimo Savonarola vai pregar.

O homem que observa do alto da torre sabe que o quadro social e espiritual da Florença do tempo de Savonarola é quase o mesmo em toda a Itália: o luxo, a ostentação dos ricos em contraste com a miséria dos pobres, a iniquidade dos homens, as violações dos direitos humanos, os adultérios, a idolatria, as blasfêmias e a decadência da dominante Igreja Romana, cheia de vícios e pecados. Por este motivo, já há algum tempo Savonarola tornou-se no púlpito uma tocha ardente e cheia de indignação, um João Batista precursor de uma reforma religiosa que se avizinha. Alicerçado no Evangelho, prega com tanto fervor e tão cheio do Espírito, que suas palavras são como espadas nuas, destramente manejadas contra o pecado, setas de fogo lançadas ao centro dos corações corrompidos.

E toda a Florença acorre para escutar, deslumbrada e temerosa, os sermões de Jerônimo, que em seus juízos corajosos e ferinos não livra nem mesmo os nomes do regente da cidade e do Papa, principais responsáveis pela devassidão do povo e da Igreja Romana.

Jerônimo Savonarola nasceu na cidade italiana de Ferrara, no ano de 1452. Seus pais queriam que ele ocupasse o lugar de seu avô paterno, que era médico na corte do Duque de Ferrara. Porém o estudo das obras de alguns teólogos e sobretudo a contínua leitura das Escrituras desviaram-no da Medicina e inclinaram o seu coração para os caminhos de Deus. Quando tinha 22 anos de idade, o desprezo dos Strozzi - uma orgulhosa família italiana que não o achou digno de desposar uma de suas filhas, e a decadência espiritual da cidade de Ferrara levaram-no a fugir para Bolonha, a pé. Nessa época seu entendimento já fora dilatado pelas verdades divinas, e ele aprendera a orar. Essa conversação espiritual com Deus abrandou a amargura e a desilusão de sua alma. E o Senhor suavemente se foi apossando do seu coração.

Em Bolonha erguiam-se os altos muros do Convento de São Domingos. Ali Savonarola se apresentou, impelido pelo desejo de abraçar a vida monástica. Porém não se achava digno de ser monge, e por isso pediu que o aceitassem como um dos encarregados da limpeza do convento. Mas logo suas grandes virtudes pessoais o distinguiram. Como uma fonte que mansamente nasce, o desejo de continuamente estar na presença de Deus

brotara no seu coração, e agora era como um grandioso e indomável rio, que livremente corre para o mar.

Savonarola era humilde, obediente e sincero. O tempo que lhe sobrava, após as várias ocupações, empregava-o na literatura, na oração e na contemplação da sublimidade do amor de Deus. Ao acordar pela manhã, elevava o seu coração em súplicas, ofertando ao Senhor as primícias do dia, e pedindo-lhe que estivesse sempre com ele.

Os superiores do convento passaram a ver naquele rapaz um futuro grande homem da Igreja. Sua inteligência e sobretudo seu fervor religioso levaram esses homens a não medirem esforços para completar sua formação intelectual e religiosa. O moço tinha sempre o coração cheio de fé, a alma livre das paixões humanas, e o pensamento continuamente ocupado com o amor de Deus. "Senhor, não reine em minha alma outro além deli!" - pedia ele em suas orações. O lugar onde se prostrava horas a fio em oração, ficava geralmente molhado de suas lágrimas.

Seu admirável progresso nos estudos valeu-lhe a nomeação de professor de Filosofia, função que exerceu até a data de sua transferência para o convento de Ferrara. Ao chegar ali, dentro dos silenciosos muros do mosteiro de sua cidade natal, entregou-se com mais assiduidade ao jejum" à oração e ao estudo da Palavra de Deus, pois desejava alcançar o que sempre fora a mais ardente aspiração de sua mocidade: tornar-se um inflamado pregador, um arauto do Céu a anunciar, face à impiedade do povo, que o dia da vingança do Senhor estava próximo. Porém suas primeiras tentativas de pregar em Ferrara resultaram em fracasso. Não acostumado a ouvir pregações que denunciasses e reprovasses abertamente os seus pecados, o povo de Ferrara não deu a menor atenção às palavras daquele moço que se propunha a ser "o chicote do Senhor". Jerônimo foi obrigado a dedicar-se inteiramente à instrução dos noviciados, repetindo para si mesmo as palavras de Jesus: "Não há profeta sem honra, a não ser na sua pátria e na sua casa" (Mateus 13.57).

Porém os sete anos que passara no convento de Bolonha e as pregações que fizera ali haviam confirmado que Deus o usaria nos púlpitos das maiores catedrais da Itália, e seus ataques formidáveis contra a corrupção do povo e da Igreja Romana preparariam em toda a Europa o caminho para a futura Reforma Protestante.

Insatisfeito com a pequena repercussão que suas pregações haviam obtido entre os ouvintes que freqüentavam a igreja do convento de Ferrara, Savonarola desejou ardentemente mudar-se para a mais destacada cidade do Renascimento: Florença. Ali foi muito bem recebido pelos religiosos do Convento de São Marcos.

Naquela época, Florença cultuava a beleza da pintura, da escultura, da poesia e da oratória. Os oradores discursavam preocupados em tornar a frase pomposa, rica e elegantemente floreada. Além do mais, para se triunfar no púlpito ou na tribuna, era necessário possuir boa estatura física, além de bela aparência, e fazer uso de atitudes elegantes. Savonarola era a antítese de tudo isto: alto, magro, nariz grande, lábios grossos, boca imensa, atitudes desgraciosas e enérgicas. Porém estas desvantagens

físicas não impediram que ele se tornasse o maior pregador de sua época. O intenso brilho dos seus olhos azuis impressionava a todos os que o contemplavam. Parecia que ele estava sempre a querer olhar dentro das almas, ou a contemplar os longos rumos ocultos, os largos itinerários dos corações.

Savonarola começou a pregar em Florença seguindo um estilo diametralmente oposto ao dos oradores da época, despertando assim a curiosidade de muitos, inicialmente para a sua maneira de usar da palavra, depois para a significação do que dizia. Rejeitando as burilações retóricas, numa linguagem espontânea e enérgica, pregava diante de uma assistência cada vez mais admirada do seu modo direto de ir ao assunto. Impressionava a todos o fervor de suas palavras.

Através das pregações, Savonarola foi conquistando a cidade de Florença. No tempo em que os rijos ventos do pecado sopravam sobre as vidas conturbadas e escuras dos florentinos, sua voz fez com que a Palavra de Deus brilhasse, cada vez mais clara e resplandescente, nos corações. Oskar von Wertheimer observou que "suas pregações produziam um efeito indescritível, acontecendo freqüentemente aos que as copiavam declararem, à margem dos manuscritos, haver-lhes o entusiasmo ou as lágrimas impedido de continuarem a escrever".

Falando, certa vez, no púlpito da Catedral de Florença, Savonarola disse que em breve morreriam o Papa Inocêncio VIII e Lourenço de Médicis, e que a Itália seria invadida por Carlos VIII, da França. Esses vaticínios iriam ser confirmados posteriormente, aumentando o seu prestígio diante do povo. Ao saber dessas previsões, o Governador Lourenço de Médicis, furioso, ordenou a alguns nobres de Florença que procurassem mostrar a Savonarola que suas profecias punham sua vida em perigo. O pregador escutou-os friamente, e em seguida mandou dizer a Lourenço que ele devia se arrepender dos seus pecados. Lourenço concluiu que não conseguiria impressionar o monge através de ameaças, e tratou de conquistar-lhe a simpatia. Savonarola era então Prior do Convento de São Marcos, e não se impressionou diante dos muitos favores que o governador subitamente passou a fazer àquela comunidade religiosa.

Apercebendo-se da inutilidade de seus métodos, e vendo que Savonarola continuava a atacar sua vida tortuosa e desregrada, Lourenço resolveu fazer calar o grande pregador utilizando-se de sua própria arma: a oratória. Encarregou Frei Mariano de Gennazano, um dos maiores oradores sacros florentinos, de pronunciar alguns sermões contra o Prior do Convento de São Marcos. Foi a grande vitória da oratória sem artifícios sobre a oratória artificiosa. Savonarola impressionou o povo e venceu Frei Mariano fazendo uso de uma eloquência espontânea e simples. Tempos depois, Lourenço de Médicis mandou chamá-lo. Estava à morte. Ao vê-lo, disse o governador: "Mande chamá-lo por ser o senhor o único monge honrado que conheço." Na conversa que tiveram sobre salvação, discordaram em alguns pontos, e Savonarola, depois de muito insistir, retirou-se, deixando o moribundo "a sós com Deus e sua consciência".

Com a morte de Lourenço, o não menos corrupto Pedro de Médicis

ocupou o seu lugar. Savonarola redobrou sua campanha em prol da regeneração dos costumes. Sob os efeitos produzidos por suas pregações, ladrões e usuários procuravam regenerar-se, mulheres abandonavam o luxo e muitos fugiam à devassidão, almejando viver segundo os preceitos bíblicos.

Sempre com a Santa Palavra nos lábios, o grande homem de Deus ia pregando com simplicidade, e mudando, espantosa e radicalmente, os costumes do povo italiano. Às vezes surgiam em suas pregações metáforas como esta: "Deixam o ouro pelo cobre, o cristal pelo vidro, as pérolas pelo barro, os que pelo barro do mundo, pelo vidro da vaidade e pelo cobre destes bens profanos e transitórios desprezam o ouro maciço, o cristal puro e as pérolas do amor de Deus e dos bens eternos."

Nem mesmo o clero escapou de sua sinceridade, que não conhecia limites. Savonarola atacou frontalmente os vícios dos religiosos de sua época: - "Se vós soubésseis as coisas repugnantes que eu sei!" -dizia ele diante da multidão que o ouvia surpresa. E então, corajosamente, sentava a igreja dominante no banco dos réus e a julgava: "Vem cá igreja infamada! Ouve o que te diz o Senhor. Dei-te formosas vestimentas, e tu exercestes com elas a idolatria. Com os vasos preciosos tens alimentado o teu orgulho, tens profanado o que antes era sagrado; a sensualidade te precipitou na vergonha. És pior que uma besta; és um monstro repugnante...Ergueste uma casa de imoralidade e te converteste, em toda parte, numa casa de perdição. Tomaste assento no trono de Salomão e passaste a atrair o mundo às tuas portas:

Quem tem dinheiro entra, e pode fazer tudo o que quer, mas quem não tem dinheiro mas deseja o bem, é desconsiderado e expulso."

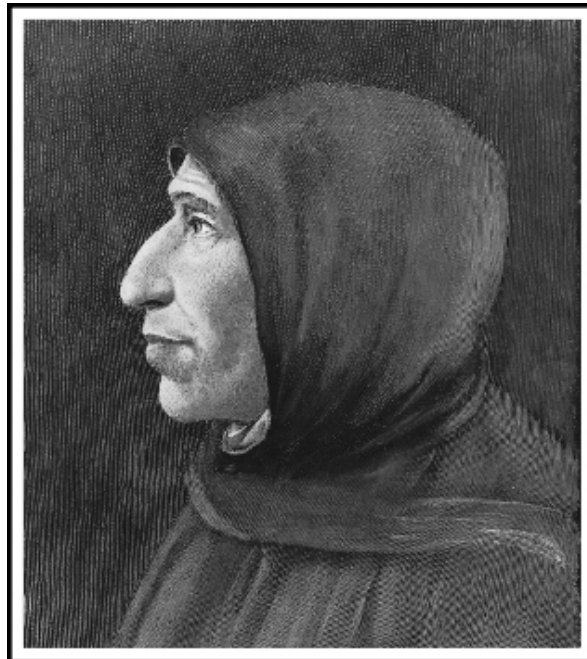
Esse julgamento chegou ao conhecimento do próprio papa Alexandre VI, sucessor de Inocêncio VIII, e um dos maiores responsáveis pelas desordens clericais. Já há algum tempo os sermões de Savonarola vinham incomodando o Papa, que procurou lançar mão de todos os meios possíveis para fazer o monge calar. Travou-se então uma luta ferrenha, que culminou na excomunhão, prisão, tortura e morte de Savonarola.

Antes, sua sinceridade e guerra declarada à devassidão, desonestidade e hipocrisia já o haviam indisposto seriamente com alguns dos grandes senhores da Itália. Um dos casos mais sérios ocorreu durante uma de suas pregações em Bolonha, quando a mulher de Bentivoglio, um dos homens mais importantes dessa cidade, entrou na igreja provocadoramente, com o intuito de perturbar o pregador e fazê-lo perder o curso do sermão. Imediatamente, e sem medir conseqüências, Savonarola bradou do alto do púlpito:

- Vede aí, irmãos,\_eis o demônio que vem perturbar a Palavra de Delis.

A frase ecoou por todo o recinto como uma chicotada. Imediatamente os guardas de João Bentivoglio empunharam as espadas e investiram contra o pregador, mas foram interceptados pela maioria dos que ouviam a pregação. Savonarola escapou - milagrosamente de morrer naquele instante. Mas, apesar dos conselhos que lhe deram para que fugisse

imediatamente de Bolonha, ele permaneceu na cidade até pronunciar o seu último sermão ali, quando, no mesmo lugar onde o haviam ameaçado de morte, falou desafiadoramente:



*Jerônimo Savonarola*

- Partirei esta tarde para Florença, sem outra companhia além do meu bordão de peregrino. Alojarei-me em Pianora. Se alguém quer ajustar contas comigo, que venha antes de minha partida. Entretanto, eu não morrerei em Bolonha, mas em outro lugar.

Ele sabia que os poderosos não o deixariam viver por muito tempo. Após sua morte, a Itália seguiria o seu caminho de "corrupção e infâmias internas, mostrando, porém, ao mundo, uma face hipócrita de pureza e religiosidade. Mas ele sabia também que não poderia parar de pregar. Combateria o pecado até momentos antes de ser enforcado e queimado. E seu exemplo floresceria no solo da Europa e do mundo.

Não acreditando que seus auxiliares pudessem ajudá-lo a mudar radicalmente os costumes do povo, Savonarola apelou para a sinceridade dos meninos, que saíam pelas ruas da cidade fazendo batidas sistemáticas, surpreendendo os adultos em atitudes pecaminosas, e levando para ser queimado tudo o que conseguissem achar em matéria de enfeites, cabelos postiços, livros e quadros indecentes. Conta-se que os meninos abordavam as senhoras nas ruas e diziam, cheios de convicção: - "Da parte de Jesus Cristo, Rei de nossa cidade, nós te ordenamos a abandonar todas essas vaidades." Savonarola encorajava os meninos a prosseguirem com a "Reforma dos costumes". Sobre imensas fogueiras - as fogueiras da vaidade, como costumavam chamá-las -, obras de arte, jóias, espelhos, livros e toda sorte de objetos considerados pecaminosos eram amontoados e queimados.

Quando as tropas de Carlos VIII, rei da França, invadiram a Itália, mais uma de suas profecias se cumpriu. Isso contribuiu para que a inveja

e o ódio do papa Alexandre VI se acendesse contra o monge de maneira mais violenta que o fogo ateadado sobre as "fogueiras da vaidade". Além do mais, as palavras chamejantes de Savonarola haviam continuamente atacado Roma e o "Sumo Pontífice", com a mesma energia que sempre combateram a devassidão da época:

- O escândalo começa por Roma e corre por todo o continente. São piores que os turcos e os mouros... Os sacerdotes vão por dinheiro ao coro, às festividades e ao ofício; vendem as prebendas, vendem os sacramentos, negociam com as missas; em uma palavra: tudo fazem pelo dinheiro... Este veneno acumulou-se de tal maneira em Roma, que a França, a Alemanha e todo o mundo se contagiou; e chegou a tal ponto que é necessário prevenir-se contra Roma. Entre o povo circula uma frase que diz: "Se queres perder teu filho, faz dele um sacerdote!"

O Papa resolveu tomar providências enérgicas contra Savonarola. Primeiramente dirigiu-se ao governo de Florença, e solicitou-lhe fosse enviado a Roma o monge revolucionário. O governo florentino declarou que não lhe era possível cumprir semelhante pedido, "não só porque" - disse - "fariamos algo indigno de nossa República e injusto contra um homem que tem trazido tantos benefícios à Pátria. Além do mais, ainda que quiséssemos, não poderíamos fazê-lo sem que houvesse uma revolta popular com grave perigo para muitos, tal e tão grande é o prestígio que esse frade ganhou com sua integridade". Mas o Papa estava disposto a lutar e fazer calar, de uma vez por todas, o "chicote do Senhor". Do púlpito, Savonarola comentou o incidente:

- Chegou de Roma um breve (decisão papal), é verdade. Nele, chamam-me de filho da perdição. Aos que me acusarem diante de vós, queridos irmãos, respondi assim: "Aquele a quem tu chamas deste modo diz que não possui mancebos nem concubinas, mas apenas prega o Evangelho de Cristo. Seus irmãos e irmãs espirituais, e todos os que escutavam a sua doutrina, não andam buscando esses tristes deleites, mas temem a Deus e vivem honestamente".

O Papa anunciou então que Jerônimo Savonarola estava excomungado da Igreja Romana, e utilizou-se em seguida de um meio que se mostraria extremamente eficaz para arrancá-lo das mãos protetoras do governo florentino: ameaçou confiscar os bens de todos os florentinos residentes em Roma, e boicotar as mercadorias destinadas a Florença. Nas palavras do historiador Alexandre Vicunã: "O efeito foi mágico. Tanto o embaixador florentino, junto à corte papal, como os comerciantes de Florença, residentes nos Estados Pontifícios, exigiram do Governo de seu país que acedesse ante a exigência do Papa e entregasse, de uma vez por todas, o monge rebelde. Por um frade não valeria a pena sacrificar o comércio da República!" Savonarola foi preso e entregue ao Papa juntamente com seus dois fiéis companheiros, frei Silvestre e frei Domingos, também excomungados. No dia em que o prenderam, esta foi a sua oração:

- "Senhor, eu não peço tranquilidade, nem que cesse a tribulação; peço-te valor, peço-te amor. Dá-me forças e graça para resistir à adversidade. Eu queria que teu amor triunfasse sobre a Terra. Vês que os

malvados se fazem cada dia piores e mais incorrigíveis. É necessário que estendas agora a tua mão poderosa. Quanto a mim, só me restam lágrimas."

Na maior praça da cidade de Florença, uma grande multidão aguarda um espetáculo. É noite. O povo florentino está eufórico e impaciente. Sobre a fogueira disposta no centro da praça ergue-se uma gigantesca forca. Há três laços preparados. Naquele local de execução, dentro de alguns instantes, o grande pregador Jerônimo Savonarola e seus dois companheiros de sonhos e lutas serão enforcados e queimados. Homens, mulheres e crianças comprimem-se para assistir à morte de um dos maiores vultos da Igreja. Alguns meses antes, aquela mesma multidão vibrava sob o domínio da palavra veemente e cheia de autoridade daquele homem alto e magro, que acabara de chegar ali. Sim. O grande pregador acaba de chegar ao centro da praça.

Nos seus braços e rosto distinguem-se visíveis marcas de tortura. A multidão silencia por alguns instantes para melhor contemplar sua figura trôpega e sofrida. Após quarenta e cinco dias de tortura e julgamento, ele está quase irreconhecível. Haviam-no maltratado brutalmente. O seu corpo emagrecido fora queimado com ferros em brasa. Esticaram seus braços, desconjuntaram suas pernas, dilataram-lhe os músculos, partiram-lhe as veias, distenderam todo o seu corpo no alucinante suplício da roda.

Os que conseguem contemplar de perto sua face pálida e arroxeadada, coberta de cicatrizes que ainda sangram, sentem-se perturbados com o intenso brilho dos seus olhos. Sua serenidade impressiona. Só o fogo conseguirá apagar, de uma vez por todas, esse penetrante e sereno brilho.

Subitamente a multidão começa a uivar e a aplaudir. Ouvem-se gritos estridentes, insultos. O povo delira! Os dois companheiros de Savonarola, frei Silvestre e frei Domingos, são obrigados a subir para o alto da fogueira. Ambos também sofreram dolorosos suplícios. Com movimentos enérgicos, o carrasco faz suas cabeças passarem por dentro dos laços da forca. A multidão grita furiosamente. Cercado pelos guardas, emocionado, Jerônimo Savonarola contempla seus companheiros de martírio e de jornada heróica, cujos corpos agora balançam no espaço! Brilhando serenamente no céu, a lua ilumina seus rostos pálidos e transfigurados. Em poucos instantes, frei Silvestre e frei Domingos estão mortos.

Um sacerdote aproxima-se do grande pregador e diz: - "Vês agora qual será o resultado de tua rebeldia?" Alongando demoradamente o olhar pela vastidão e altura do céu estrelado, Savonarola responde: - "Muito mais sofreu Jesus por mim." E não diz mais nada. Instantes depois seu corpo é projetado no espaço. Finalmente haviam conseguido emudecer aquela voz que, poderosa e indignadamente, combatera o pecado. A grande fogueira começa a arder, envolvendo os três corpos. Seus vultos de labareda rompem-se sob o brilho da lua que erra no céu, sonâmbula, coroada de auréolas rubras. Naquela noite, aqueles três homens alcançaram a altíssima paz!

## João Bunyan, um peregrino a caminho do Céu

Oferecendo serviços de caldeireiro ambulante, lá vai João Bunyan pelas ruas de algumas cidades da Inglaterra. Corre o ano de 1648. Aquele rapaz de 25 anos, ex-soldado do Parlamento, não sabe o que o destino lhe tem reservado. Casado com a jovem que o conduziu aos caminhos da Fé, João Bunyan, enquanto conserta caldeiras, prega o Evangelho a todos quanto estão ao alcance de sua voz.

Anos antes, levava uma vida dissoluta em Harrowden, sua cidade natal. Seu lar era extremamente pobre. Contam alguns historiadores da época que o modo mais seguro de se localizar o adolescente Bunyan era dirigir-se ao local onde estivesse ocorrendo alguma briga, pois ele estava envolvido nela. Mas agora aquele moço, que entrara no exército do Parlamento para combater os insurretos durante a guerra civil, e que, apesar de sua coragem, fora dispensado da carreira das armas por gostar de perdoar os inimigos, caminhava pelo país consertando caldeiras e anunciando a salvação oferecida por Jesus Cristo.

Porém a Igreja Oficial, formalizada e secularizada pela monarquia, não podia tolerar essa concorrência do jovem pregador, e tratou de encarcerá-lo na prisão de Bedford. Durante 12 longos anos, João Bunyan viveu ali, numa cela escura e fria. Mas o calor e a luz que ele irradiou para o mundo através de seus livros tornaram-no um dos grandes servos de Deus imortalizados na memória da humanidade.

A esposa e os amigos de Bunyan tudo fizeram para libertá-lo, mas as autoridades civis recusaram-se a fazê-lo, a menos que ele promettesse que nunca mais se dedicaria à pregação do Evangelho. Ao saber dessa condição, Bunyan afirmava sempre:

- Se eu sair hoje do cárcere, começarei a pregar hoje mesmo, com a ajuda de Deus.

E assim o tempo foi passando, e Bunyan foi se aprofundando cada vez mais na leitura da Palavra de Deus, a ponto de dominar grande parte de sua riqueza temática e se identificar plenamente com o estilo dos escritores sagrados. Disse ele, numa das cartas que escreveu à sua esposa: "Nunca havia sentido a presença de Deus ao meu lado de maneira tão poderosa como a estou sentindo agora, após o encarceramento. A leitura das Escrituras me fortalece tão profundamente, que chego a desejar, se lícito fosse, maiores provações para receber maiores consolações."

Foi no úmido cárcere da prisão de Bedford que Bunyan escreveu o livro que seria traduzido em mais de 100 idiomas, e cuja influência na cultura de língua inglesa só é superada pela Bíblia, equiparando-se, contudo, à obra de Shakespeare e a de Milton, os dois maiores escritores ingleses de todos os tempos. "O Peregrino", ou "A Viagem do Cristão à Cidade Celestial", título da obra-prima de João Bunyan, é hoje considerado um dos maiores clássicos já produzidos pelo cristianismo.

Por ter sido escrito em linguagem simples, pura, cheia de expressões bíblicas e adequada a todos, O Peregrino conquistou um número de leitores



maior do que jamais teve qualquer livro de outro grande escritor. Além de se constituir numa fiel descrição de como se comportava o povo inglês da época de Bunyan com relação à fé, O Peregrino relata, sobretudo, a viagem de Cristão, que sai da Cidade da Destruição para a Cidade Celestial. Vejamos que lições podemos tirar hoje deste livro.

Durante sua acidentada mas interessantíssima viagem, Cristão depara-se com personagens alegóricas que o perturbam ou o ajudam. Passa por diversos lugares (todos têm uma real significação na vida do crente), como o Desfiladeiro do Desespero, o Vale da Humilhação, a Feira das Vaidades, o Rio da Morte, e outros, até chegar à Cidade Santa. No decorrer da narração, as personagens alegóricas tornam-se tão vivas, que temos a impressão de tê-las conhecido pessoalmente.

A história origina-se de um sonho do próprio Bunyan: "Caminhando pelo deserto deste mundo, parei num lugar onde havia uma caverna (a prisão de Bedford), deitando-me aí para descansar. Em breve adormeci e tive um sonho". Bunyan vê então um homem coberto de andrajos, de pé, tendo sobre os ombros um fardo pesado (os pecados) e lendo um livro (a Bíblia). À proporção que ia lendo, conscientizava-se de que era um pecador, e que precisava ser salvo. Enquanto lia, estremecia e chorava. Esse homem chama-se Cristão.

Ao chegar a casa, Cristão reúne a mulher e os filhos, e fá-los saber que, segundo aquele livro, a cidade onde habitam está para ser consumida pelo fogo. Imediatamente seus familiares concluem que ele enlouqueceu. Pedem que abandone aquelas idéias, mas nada conseguem. A única preocupação de Cristão é quanto ao que ele pode fazer para ser salvo. Não conseguindo convencer sua família a acompanhá-lo, Cristão parte sozinho, em busca da salvação.

Mas, por não saber ainda exatamente como agir, nem que direção tomar, pára, confuso, ainda nos arredores de sua cidade. Então aproxima-se dele um homem chamado Evangelista e, após ficar sabendo do que se passa, entrega-lhe um pergaminho onde está escrito: "Fugi da ira futura." Em seguida aponta-lhe um caminho, em cujo final brilha a luz (Salmo 119.105; e' X" 2 Pedro 1.19), que é a própria Palavra de Deus. Sob a recomendação de Evangelista: "Não a percas de vista; vai direto a ela, e encontrarás uma porta; bate, e lá te dirão o que hás de fazer", Cristão parte rumo à luz que brilha ao longe.

A mulher e os filhos ainda tentam fazê-lo desistir, mas ele não lhes dá ouvidos, e segue o seu caminho, gritando: "Vida eterna! Vida eterna! vida eterna"! Alguns vizinhos correm atrás dele, e tentam trazê-lo para casa. Mas é inútil. Entre esses vizinhos há dois que insistem mais um pouco, e procuram saber o porquê daquela viagem. Chamam-se Obstinado e Flexível. Cristão fala-lhes sobre o pecado e a destruição que ameaça a todos os que não cumprirem a orientação daquele livro, e lhes mostra a Bíblia.

Obstinado e Flexível desejam saber o que Cristão espera receber em troca de tudo o que o mundo oferece.

Cristão explica-lhes:

- Procuo uma herança incorruptível, ' que não pode contaminar-se nem murchar, ' reservada com segurança no Céu, para ser ' dada, no devido tempo, aos que a buscam diligentemente. Assim declara o meu livro; lede-o se desejais, e convencer-vos-eis da verdade.

Obstinado resolve abandonar aquele homem que, certamente, enlouquecera. Chama Flexível, mas este está resolvido a acompanhar Cristão em sua viagem.

- Enlouqueceste também? - pergunta-lhe Obstinado, e, sem mais delongas, abandona os dois "loucos", voltando para a Cidade da Destruição.

Cristão e Flexível seguem conversando sobre as promessas contidas no livro, que é lido em voz alta. Flexível escuta atentamente. Mas entretidos que estavam na conversa e na leitura, não vêem que se estão aproximando da beira de um pântano. Quando se apercebem, já estão dentro do atoleiro. É o Pântano da Desconfiança!

Flexível volta-se para Cristão e diz:

- É esta a felicidade de que me falaste?

Se começamos assim nossa viagem, não posso crer que terá um bom fim. Se me vejo livre desta, garanto-te que dispensarei de bom grado a parte que poderia pertencer-me no tal celebrado país, e voltarei para minha cidade.

E, fazendo um grande esforço, consegue alcançar a margem do pântano. Logo que se viu fora do atoleiro, nem pensou sequer em oferecer ajuda ao companheiro de viagem. Trata de correr na direção de sua casa, deixando Cristão a atolar-se cada vez mais. Mas eis que surge Auxílio, e lhe estende a mão e salva-o do Pântano da Desconfiança, dando-lhe alguns esclarecimentos acerca da significação daquele terrível lugar. Em seguida Cristão reinicia sua caminhada.

Segundo a explicação de Auxílio, aquele lugar chama-se Pântano da Desconfiança porque "quando o pecador desperta no conhecimento das suas culpas e de seu estado de perdição, surgem na sua alma dúvidas, temores, e apreensões desconsoladoras que se ajuntam nesse lugar". ^ Caminhando sempre rumo à porta espreita, Cristão vê aproximar-se dele um homem chamado Sábio-Segundo-o-Mundo, que habita na cidade conhecida por Prudência Carnal. Os dois põem-se a conversar. Após ouvir sua história, Sábio-Segundo-o-Mundo diz que sabe como Cristão poderá livrar-se daquele fardo que leva às costas, sem precisar caminhar tanto. Indica-lhe a casa de um homem chamado Legalidade, que mora na aldeia da Moralidade, e tem um filho chamado Urbanidade.

Cristão segue o conselho de Sábio-Segundo-o-Mundo, e dirige-se para a casa de Legalidade, mas ao se aproximar da montanha da Lei, esta parece-lhe tão elevada, que ele teme que ela caia sobre sua cabeça. Relâmpagos e chamas saem da montanha, ameaçando devorá-lo. Ele pára, aterrorizado.

Mas eis que surge novamente Evangelista. Após repreender Cristão e mostrar-lhe a gravidade do seu erro, ajuda-o a retornar ao caminho para a porta estreita advertindo-o:

- Toma cuidado em não te extraviar outra vez, para que não suceda perceres no meio do caminho.

Finalmente Cristão consegue chegar diante da almejada porta estreita, sobre a qual está escrito: "Batei e abrir-se-vos-á". Após bater por diversas vezes, aparece para atender-lhe um homem chamado Boa-Vontade, que pergunta a Cristão quem ele é, de onde vem e o que deseja.

Senhor, responde-lhe Cristão, sou um pobre pecador cansado e carregado. Venho da Cidade da Destruição, e dirijo-me ao monte Sião, a fim de escapar à ira vindoura. Disseram-me, honrado homem, que para seguir o meu caminho devo entrar por esta porta. Desejo saber se dás licença para que eu entre.

Como resposta, Boa-Vontade puxa com força Cristão para dentro, e, diante do espanto deste, explica-lhe:

- Há aqui perto um castelo, cujo governador é Belzebu, que, junto com seus soldados, está continuamente despedindo setas contra aqueles que se aproximam desta porta, a fim de os matar antes que entrem.

Após ouvir sua história, Boa-Vontade indica-lhe um caminho, e diz que é por ali que Cristão deverá seguir, pois por aquele caminho passaram os Patriarcas, os Profetas, Cristo e os Apóstolos. É um caminho sempre reto e estreito. Após despedir-se de Boa-Vontade, Cristão segue viagem, e logo chega à casa de Intérprete. Naquela casa recebe várias lições que serão úteis no decorrer de sua viagem.

Intérprete, pegando Cristão pela mão, conduze-o a uma sala cheia de poeira, pois nunca fora varrida. Quando um dos criados principia a varrê-la, levanta-se tal nuvem de poeira que quase sufoca Cristão. Porém uma jovem borrifa a sala com água, e pode-se então varrê-la sem dificuldade. Intérprete explica:

- A sala" representa um coração que nunca foi santificado pela doce graça do Evangelho. A poeira é o pecado original e a corrupção interior, que contaminam todos os homens. Quem principiou a varrê-la foi a Lei. O pó que quase te asfixiou são os pecados. Isto significa que a Lei, em lugar de limpar os corações, reaviva 'os pecados cada vez mais. A moça que borrifou a sala é o Evangelho. Quando o Evangelho entra no coração, com sua doce e preciosa influência, vence e subjuga o pecado, limpa a alma que nele crê e torna-a digna de ser habitada pelo Rei da Glória.

Cristão é em seguida conduzido a um pequeno quarto onde se acham dois meninos sentados, Paixão e Paciência. O primeiro deseja possuir e desfrutar os bens do mundo, e nada almeja para a vida futura. O segundo almeja tão-somente os bens da vida eterna. Intérprete conclui o exemplo, dizendo:

- As coisas que se vêem são temporais, mas as que não se vêem são eternas (2 Coríntios 4.18).

Em outra sala há um fogo junto de uma parede, e alguém tenta apagá-lo, jogando água continuamente. Porém outra pessoa joga óleo dentro do fogo, e este não se apaga. Intérprete esclarece que o fogo representa a obra da graça no coração humano, e quem está tentando apagá-lo é Satanás, porém Jesus Cristo, com o óleo de sua graça, mantém acesa a

obra iniciada no coração.

Após ver outras interessantes representações, Cristão despede-se de Intérprete e segue viagem, passando a caminhar por uma estrada protegida por dois altos muros chamados salvação. "Caminhava com muita dificuldade, por causa do fardo que levava às costas, mas o seu passo era rápido e seguro; vi-o aproximar-se de um pequeno monte onde se erguia uma cruz, junto à qual, um pouco mais abaixo, estava um sepulcro aberto. Ao chegar à cruz, soltou-se-lhe instantaneamente o fardo de sobre os ombros e, rolando, foi cair na sepultura, donde não tornará jamais a sair", conta João Bunyan.

- Bendito seja Aquele que, com os seus sofrimentos, deu-me descanso, e, com a sua morte, concedeu-me a vida! - diz Cristão ao se ver livre do fardo de pecados.

Continuando sua viagem à cidade eterna, Cristão depara-se com três homens chamados Simples, Preguiça e Presunção, que, com os pés ligados por cadeias de ferro, dormem profundamente. Cristão acorda-os e os adverte do perigo que correm:

- Pois se passar por aqui o leão rugidor, caireis por certo nas suas terríveis garras (1 Pedro 5.8) - avisa Cristão.

Eles não dão a mínima atenção, e continuam a dormir, enquanto Cristão segue estrada afora.

Subitamente aparecem-lhe Formalista e Hipocrisia, que dizem ser da terra da Vangloria, e dirigem-se ao Monte Sião em busca de louvores. Cristão os vira pular o muro que protege o caminho estreito, e pergunta-lhes se eles ignoram "que o que não entra pela porta no aprisco, mas por outra parte, é ladrão e salteador". Eles respondem :

- O que importa é entrar no caminho; por onde se entra isso pouca importância tem. Tu entraste pela porta, nós pulamos o muro; mas o fato é que todos estamos no caminho, e não vemos nenhuma vantagem do teu lado.

Cristão responde-lhes:

- Vós sois salteadores. Estou certíssimo de que no fim da vossa viagem não sereis tidos na conta de homens de fé e de verdade. Entrastes sem a permissão do Senhor e saireis sem a sua misericórdia.

Continuando sua viagem, Cristão depara-se com Timorato e Desconfiança, que abandonam, correndo, o caminho da Cidade Celestial, pois haviam encontrado dois leões. Quando Cristão já se está preparando para abandonar sua dificultosa viagem, desistindo de tudo, o porteiro do palácio, cujo nome era Vigilante, grita-lhe:

- Tão poucas forças tens? Não temas os leões, porque se encontram acorrentados, e estão aí para provar a fé ou a incredulidade dos viajantes; passa pelo meio da estrada, e mal algum te sobrevirá.

O Palácio Belo, que fora construído para servir de asilo e descanso para os viajantes, é habitado por Discricção, Prudência, Piedade e Caridade, que, após interrogarem Cristão, ceiam com ele. O quarto que lhe destinaram está situado no andar superior do palácio e chama-se Sala da Paz, e tem uma janela aberta para o Nascente.

Pela manhã, após visitar algumas dependências do palácio, Cristão resolve partir; antes, dão-lhe armas para que ele se defenda no caminho. Discrição, Piedade, Caridade e Prudência acompanham-no até se aproximarem do Vale da Humilhação, quando então se despedem. Cristão começa a descer, sozinho, o vale. Eis que de repente surge o terrível monstro Apoliom. Tem o corpo todo coberto de escamas, é dotado de asas de dragão, patas de urso e cabeça de leão. De sua boca saem fumaça e fogo. Trava-se entre eles um impressionante diálogo.

Apoliom, que representa o próprio Satanás, pergunta por que Cristão abandonou os seus domínios. Cristão responde "O teu serviço era tão pesado, e a paga tão miserável, que mal me chegava para viver, porque o salário do pecado é a morte (Romanos 6.23)". Apoliom tenta então convencer Cristão a voltar a servi-lo, mas nada consegue. Após muito dialogarem, começam a lutar.

- Vou arrancar-te a alma, diz Apoliom. Depois de longa peleja, Cristão fere Apoliom com sua espada de dois gumes - a Palavra de Deus -, e o inimigo foge.

Após agradecer a Deus por aquela vitória, Cristão apressa-se a sair do Vale da Humilhação, mas eis que à sua frente se estende o Vale da Sombra da Morte. O caminho que conduz à Cidade Celestial passa por esse vale. Sobre ele pairam as tenebrosas nuvens da confusão, e a morte estende constantemente suas negras asas em toda a extensão do vale. O caminho está em trevas, e por isso Cristão caminha com dificuldade, ouvindo gritos e gemidos. Monstros e dragões rugem à sua volta.

À margem direita daquele vale está o abismo profundo para o qual cegos têm guiado outros cegos no decorrer dos tempos. Cristão reconhece que a espada com que vencera Apoliom não lhe será suficiente para enfrentar todos os perigos que margeiam a estrada, e lança mão de outra arma, a oração. Através dela, pede a Deus: "Senhor, livra a minha alma!" Em alguns trechos da estrada, ele tem de caminhar cercado por terríveis chamas. "Caminharei na força do Senhor", diz Cristão, e avança cercado de demônios por todos os lados. Súbito, ouve alguém exclamar: "Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo" (Salmo 23.4). Aquelas palavras enchem-no de esperança e paz.

Quando a aurora começa a raiar sobre o vale, os monstros e demônios fogem para as sombras e abismos. Cristão exclama: "Ele torna a sombra da noite em manhã" (Amos 5.8). À luz do sol, o Peregrino distingue os perigos que o haviam cercado durante a noite. Laços, redes, obstáculos, precipícios e covas circundam o caminho. Espalhados pelo vale há ossos, sangue, cinzas e corpos de pessoas despedaçadas, que tinham tentado atravessar aquele vale sem a proteção de Deus.

Cristão agradece a proteção que recebera do Senhor:

- Bendita seja a mão misericordiosa a quem devo a minha conservação. Enquanto estive neste vale, cercaram-me os perigos das trevas, os inimigos, o inferno e o pecado. No meu caminho havia inúmeros laços, abismos, obstáculos de toda a espécie; mas graças sejam dadas a

Jesus, que de tudo me livrou.

Continuando sua viagem, Cristão encontra-se com Fiel, que também procede da Cidade da Destruição e dirige-se à Cidade Celestial. Ao aproximar-se dele, diz-lhe Cristão:

- Honrado e querido irmão Fiel, estou contentíssimo por haver-te alcançado, e por Deus ter disposto de tal sorte os nossos espíritos a fim de caminharmos juntos nesta estrada tão agradável!

E seguem conversando a respeito das experiências vividas até ali. Após reconhecerem que a misericórdia de Deus é a causa de eles estarem ainda vivos, Fiel conclui:

- São muitas as tentações que encontram aqueles que obedecem à voz do Céu, e todas conforme as inclinações da carne. Quando umas são vencidas, logo outras nos assaltam. Devemos estar sempre alerta, e nos portarmos com valentia!

Eis que lhes surge no caminho um bom homem chamado Loquaz, filho de Bem-Falante, e residente na rua das Boas Palavras. Após declarar que dirige-se também ao País Celestial, inicia uma interessante conversa com os dois peregrinos. Mas Cristão já o conhece, e na primeira oportunidade que lhe surge, adverte Fiel acerca dos perigos que ambos estão correndo na companhia daquele homem.

Acerca de Loquaz, diz Cristão a Fiel:

- Todas as companhias lhe agradam, e o que te afirmou há pouco é o mesmo que dirá quando estiver numa taberna. A conversão verdadeira não existe no seu coração, nem na sua casa, nem na sua vida; tudo o que tem reside na ponta da língua, e a religião dele consiste em apregoar tão-somente que a possui. Fala de "oração, de arrependimento, de fé e do novo nascimento, todavia nada disso sente; não faz mais do que falar. Paulo chama os grandes faladores de metal que soa e sino que tine (1 Coríntios 14.7). Coisas sem vida, isto é, sem a genuína fé e a verdadeira graça do Evangelho, que nunca poderão ter lugar no Reino dos céus, entre os filhos da vida, embora ao falarem produzam sons semelhantes aos da voz dos anjos.

Fiel dispõe-se então a desmascarar Loquaz. Voltando-se para este, diz:

- Conversemos agora. E, visto que deixaste a mim a escolha do assunto, proponho este: - Como se manifesta a graça salvadora de Deus, e quando existe ela no coração do homem?

Loquaz prontamente responde:

- Quereis dizer que vamos falar acerca do poder das coisas espirituais? O assunto é excelente, e estou bem disposto a responder desde já. Primeiro: quando a graça de Deus existe no coração, origina um grande clamor contra o pecado; segundo...

- Mais devagar - diz Fiel. - Consideremos uma coisa de cada vez. Parece-me que falaríeis mais acertadamente, dizendo que a graça de Deus se manifesta em inclinar a alma a aborrecer o pecado.

- E que diferença há entre clamar contra o pecado e odiá-lo?

- Muitíssima. Podemos, por decência, clamar contra o pecado, até do

púlpito e, não obstante, tolerá-lo em nosso coração e em nossas casas. Os clamores de algumas pessoas contra o pecado são como os da mãe contra o filho a quem repreende, mas que logo beija e acaricia.

- Parece-me que quereis apanhar-me nos meus próprios argumentos - observou Loquaz.

- Não - responde Fiel, - apenas desejo colocar as coisas no seu devido lugar. Dizei agora qual é o segundo ponto com que demonstrais a existência da obra da graça no coração.

- Tendo um grande conhecimento dos mistérios evangélicos - responde Loquaz.

- Deveis pôr esse em primeiro lugar, diz Fiel, mas, em primeiro ou em segundo, é sempre falso, porque podemos obter facilmente muitos conhecimentos evangélicos e não termos a obra da graça nas nossas almas. Além do mais, é possível um indivíduo possuir toda a ciência, e, contudo, não ser coisa alguma. O *saber* agrada efetivamente aos faladores e aos jactanciosos, mas Deus compraz-se com o *fazer*. Não quero com isto dizer que o coração possa ser bom sem o conhecimento, porque sem ele nada vale. Logo, há dois conhecimentos distintos: aquele que trata de investigar as coisas, e aquele que é acompanhado de graça, fé e amor, que leva o homem a praticar a vontade de Deus. O primeiro satisfaz ao falador; todavia, o verdadeiro cristão só se satisfaz com o segundo.



João *Bunyan*

- Estais mais uma vez criticando as minhas palavras, e nada mais. Não vejo a possibilidade de chegarmos a um acordo. Passe muito bem.

Após se separarem de Loquaz, Cristão e Fiel notam que alguém os segue. Esperam que se aproxime, e, para surpresa e alegria de ambos, vêem que se trata de Evangelista. Após saudarem-se e abraçarem-se afetuosamente, Evangelista fala-lhes:

- Meus filhos, tendes ouvido, na palavra de verdade do Evangelho, que, enfrentando muitas tribulações, entramos no reino de Deus, e que em cada cidade nos esperam prisões e perseguições. Deveis, portanto, esperar que no vosso caminho se vos deparem algumas destas coisas... Tende por certo que um de vós, ou ambos, selará o seu testemunho com o próprio sangue. Conservai-vos, porém, fiéis até a morte, e o Rei dar-vos-á a coroa da vida.

Ao seguirem viagem, chegam a uma cidade chamada Vaidade; ali há uma feira, onde tudo é vendido: casas, terras, empregos, títulos, concupiscências, ouro, prata, pedras preciosas, adultérios, mortes, falsos testemunhos e muitas outras coisas. É conhecida como Feira da Vaidade. O caminho que conduz à Cidade Celestial passa pelo centro dessa cidade.

O príncipe da cidade chama-se Belzebu. Várias razões levam os comerciantes a se incomodar com a presença dos peregrinos. Uma delas é que seus vestidos são muito diferentes dos que se vendem na feira, e a multidão começa a cercá-los para os ver. Uns dizem que eles são idiotas, outros que são loucos, e outros que são estrangeiros: "Porque tenho para mim, que Deus a nós, apóstolos, nos pôs por últimos, como condenados à morte; pois somos feitos espetáculo ao mundo, aos anjos, e aos homens" (1 Coríntios 4.9).

Os comerciantes não entendem o modo de falar dos peregrinos, pois estes falam o idioma de Canaã, e a população daquela cidade fala a linguagem do mundo: "Mas falamos a sabedoria de Deus, oculta em mistério, a qual Deus ordenou antes dos séculos para nossa glória; a qual nenhum dos príncipes deste mundo conheceu, porque, se a conhecessem, nunca crucificariam o Senhor da glória" (1 Coríntios 2.7,8).

O que mais incomoda os mercadores é o fato de os peregrinos não darem nenhuma importância às mercadorias que vendem; nem sequer olham para elas. Se alguém lhes oferece alguma coisa, eles exclamam: "Desvia os meus olhos de contemplarem a vaidade" (Salmo 119.37), e desviam o olhar para cima. Um dos mercadores pergunta-lhes furiosamente:

- Que quereis comprar?

- Compramos a verdade (Provérbios 23.23).

Estas respostas despertam a ira no coração de muitos, e eles passam a insultar os peregrinos. Há grande tumulto na feira, os peregrinos são presos e interrogados. Perguntam-lhes de onde vêm, para onde vão, e que fazem ali em trajes estranhos. Eles respondem:

- Somos peregrinos no mundo, e dirigimo-nos à nossa pátria, que é a Jerusalém Celestial.

O Tribunal, contudo, declara-os loucos, conclui que eles têm vindo



expressamente para perturbar a ordem pública. Resolvem açoitá-los, atiram lama sobre eles e prendem-nos numa gaiola para servirem de espetáculo a toda a gente da feira. Depois, são levados novamente a julgamento. O juiz do processo chama-se Ódio-ao-Bem. Os peregrinos estão sendo acusados de serem inimigos e perturbadores do comércio, de terem provocado desordem e conflitos na cidade, e de haverem criado um partido em favor das suas perigosíssimas opiniões, desacatando completamente as leis do príncipe reinante, Belzebu.

Contra os peregrinos há três testemunhas: Inveja, Superstição e Adulação. Por ter solicitado a palavra para se defender, e, durante a sua defesa, ter desafiado "Belzebu e todos os seus sequazes", Fiel passa a ser visado em particular e violentamente acusado por todos. Adulação diz que Fiel não respeita nem o príncipe, nem o povo, nem a lei e nem os costumes.

- Ele tem injuriado o nosso excelso príncipe Belzebu, e falado com desprezo dos seus ilustres amigos, como o senhor Homem-Velho, o senhor Prazer-Carnal, o senhor Comodista, o respeitável ancião senhor Luxúria, o cavalheiro Avidez, e muitos outros da nossa nobreza.

Os homens que compunham o júri não podiam ter nomes mais "ilustres": Cegueira, Malícia, Injustiça, Lascívia, Libertinagem, Temeridade, Altivez, Malevolência, Mentira, Crueldade, Ódio-à-Luz e Implacável. Então o juiz, voltando-se para o júri, disse:

- Senhores jurados, vede que estes homens provocaram um grande tumulto na nossa cidade. Pertence-vos condená-los ou absolvê-los.

Fiel é condenado à morte. Esbofeteam-no, açoitam-no, apedrejam-no, ferem-no com espadas e lançam-no ao fogo, reduzindo-o a cinzas. O castigo de Cristão é adiado. Levam-no à prisão, onde ele fica por algum tempo; até que, um dia, Deus providencia a sua liberdade e ele pode seguir o seu caminho.

Cristão sai da cidade acompanhado de Esperança, que também se dirige à Cidade Celestial. No trajeto, encontram-se com Interesse-Próprio, a quem perguntam de onde vem e para onde vai.

- Venho da cidade das Boas-Palavras, e dirijo-me à Cidade Celestial.

Cristão pede que ele lhes fale sobre seus parentes e os costumes dos habitantes da sua cidade.

- Meus parentes são quase todos antigos habitantes da cidade. O mais ilustre deles é o senhor Vira-Casaca. Há também os senhores Afago, Duas-Caras, Qualquer-Coisa e o senhor Língua-Dobre, que é irmão da minha mãe. Minha esposa é uma dama muito virtuosa, filha de uma senhora também virtuosíssima, a dona Imposto-ra. Somos muito zelosos pela religião, principalmente quando esta se nos apresenta com sapatos de prata; e gostamos muito de a acompanhar em público, à luz do sol, quando todos a vêem e aplaudem.

Quanto a este último ponto, Cristão observou:

- Se quereis acompanhar-nos tereis de remar contra o vento e contra a maré, o que, segundo vejo, não está no vosso credo. Precisais reconhecer a religião tanto nos seus trajes vultuosos como nos seus andrajos, e acompanhá-la tanto quando sofre perseguições como quando passeia pelas

ruas com geral aplauso.

Interesse-Próprio não concorda com Cristão, e diz que os acompanhará da maneira que ele bem achar e entender.

- Nem mais um passo! - diz Cristão. - Se não vos conformais com o que nós fazemos, deixai-nos!

Após se separarem, três amigos de Interesse-Próprio passam a segui-lo. São eles Apego-ao-Mundo, Amor-ao-Dinheiro e Avareza. Os quatro são alunos do senhor Cobiça, que mora na cidade do Amor-ao-Ganho. Esse "sábio" professor ensinara-lhes a arte de adquirir riquezas, tanto pela violência, como pela fraude, pela adulação e pela mentira, utilizando o nome da religião.

Os quatro homens conversam entre si, e resolvem propor um problema a Cristão e a Esperança. Após os chamarem e os obrigarem a parar e esperar, Apego-ao-Mundo propõe o seguinte problema:

- Suponhamos que um pastor de almas, ou um comerciante, a quem se apresentasse a ocasião de possuir as boas coisas desta vida, não pudesse alcançá-las de modo algum sem que se fizesse, pelo menos na aparência, extraordinariamente zeloso em algum ponto da religião, com que até então se não houvesse importado muito: não lhe será permitido empregar os meios necessários para obter o seu objetivo, sem por isso deixar de ser homem honrado?

Cristão responde nos seguintes termos: - Não só eu, mas qualquer novato na fé poderá facilmente responder a mil perguntas como essa; porque se é ilícito seguir a Cristo por causa dos pães, como se vê no Evangelho de João 6.26: "Na verdade, na verdade vos digo que me buscais, não pelos sinais que vistes, mas porque comestes do pão e vos saciastes", muito mais abominável será servir-se de Cristo e da religião como meio para conseguir e gozar as coisas do mundo! Só os gentios, os hipócritas, os demônios e os feiticeiros poderão aceitar semelhante opinião. Os fariseus hipócritas foram religiosos deste quilate. Grandes orações eram entre eles o pretexto para devorarem a casa das viúvas. A religião de Judas era também assim, e igualmente a de Simão, o Mago, porque queria possuir o batismo com o Espírito Santo para ganhar dinheiro.

Diante desta resposta, os falsos peregrinos ficam sem saber o que responder. Cristão diz para Esperança:

- Se estes homens não podem se defender ante a sentença do homem, o que será quando se apresentarem no tribunal de Deus?

Cristão e Esperança prosseguem sua viagem até chegarem a uma bela planície chamada Alívio. Porém, do outro lado da planície existe uma colina chamada Lucro. Ali há uma mina de prata. Muitos viajantes, deixando a estrada que conduz à Cidade Celestial, se dirigem à mina, convidados por Demas, o guardião daquele tesouro. Porém, ao se aproximarem demasiadamente de sua entrada, o terreno, que é falso, cede e os precipita no abismo.

Os dois peregrinos são convidados por Demas para conhecerem a mina, porém Cristão diz a Demas que já o conhece, e não cairá em sua armadilha, pois bem sabe que ele é neto de Geazi e filho de Judas. E

prosseguem sua viagem em companhia de Esperança. Mas em seguida Interesse-Próprio e seus companheiros atendem o chamado de Demas e se acercam dele. Nunca mais Cristão e Esperança terão notícias daqueles homens.

Após caminharem por algum tempo, descansam à margem de um rio onde crescem árvores frondosas que produzem toda qualidade de frutos. Ali adormecem. Ao acordarem, comem dos frutos, bebem da água e prosseguem a viagem. Margeando o caminho há um prado, conhecido como "Prado do caminho errado". Por ignorarem o seu nome, os peregrinos passam a caminhar por ele, pois se mostra muito suave aos seus pés.

Mais adiante, avistam um homem que segue pelo mesmo atalho. Este homem chama-se Vã-Confiança. Perguntam-lhe aonde conduz aquela vereda.

- À porta da Cidade Celestial, responde o homem.

- Vê? Não te dizia eu? - exclamou Cristão para o seu companheiro Esperança. - Agora podemos estar certos de que vamos bem.

E continuam a viagem. Vã-Confiança ia à frente deles. Subitamente a noite os surpreende, escurecendo totalmente o caminho, a ponto de os peregrinos não poderem distinguir o homem que vai adiante. Quando menos esperam, ouvem um grito. O homem caíra numa cova profunda, mandada abrir pelo príncipe daquela região. Cristão e Esperança perguntam em altas vozes ao homem o que lhe acontecera, mas em resposta só obtêm um fraco gemido. O homem está irremediavelmente perdido!

Começa então a cair uma violenta tempestade, com trovões e relâmpagos a riscarem o céu. Amedrontados e tremendo de frio, os dois peregrinos resolvem voltar, mas as trevas são tão densas, e as águas têm crescido tanto, que eles temem afogar-se ou cair em algum abismo. Para a sua felicidade, encontram um pequeno abrigo, onde se assentam e ficam a esperar o nascer do sol. Ali, adormecem de cansaço.

Próximo ao lugar onde eles adormeceram ergue-se o Castelo da Dúvida, habitado pelo gigante Desespero e sua mulher Desconfiança. O gigante, que havia madrugado para ver os efeitos da tempestade sobre suas terras, depara-se, surpreso, com Cristão e Esperança, que ainda dormem. Acorda-os, e furiosamente pergunta-lhes de onde são e o que querem ali.

- Somos peregrinos, estamos nos dirigindo à Cidade Celestial, mas perdemos o caminho.

- Miseráveis! - exclama o gigante. - Quem vos autorizou a invadir os meus domínios? Minhas sementeiras foram pisadas por vós; portanto, sois meus prisioneiros.

O gigante conduze-os ao castelo e mete-os numa prisão úmida e escura. Seguindo o conselho de sua esposa Desconfiança, passa a tratá-los como a cães; chicotea-os brutalmente, deixa-os sem comida e sem água, e aconselha-os a porem fim à própria existência. Depois leva-os ao pátio do castelo, para mostrar-lhes as ossadas e as caveiras dos que haviam sido despedaçados pelas suas mãos. Sendo novamente jogados à prisão, os dois peregrinos caem ao chão, tão fracos e desanimados, que mal podem

respirar. A noite já vai alta quando eles começam a orar, e continuam em oração até o romper da alvorada. Pouco antes do amanhecer, Cristão exclama:

- Que louco e que néscio eu sou em encontrar-me aqui neste calabouço, quando podia estar gozando a liberdade! Tenho no peito uma chave chamada Promessa, que poderá abrir todas as fechaduras do Castelo da Dúvida.

Empunhando a chave da Promessa – a -, Cristão pode abrir a fechadura da porta da prisão, bem como as demais portas e o portão de ferro da fortaleza. Ao abrir este último, o gigante Desespero acorda e quase os torna a prender, mas um ataque de fúria o paralisa por completo.

Os peregrinos correm até alcançar novamente a estrada que conduz à Cidade Celestial. No início do caminho que leva ao castelo do gigante Desespero, resolvem colocar um aviso com as seguintes palavras: "Este caminho conduz ao Castelo da Dúvida, propriedade do gigante Desespero, que menospreza o Rei do País Celestial e busca destruir os seus santos peregrinos".

Após caminharem por algum tempo, os peregrinos chegam às montanhas das Delícias, onde contemplam o jardim, a vinha e as fontes; bebem, lavam-se e comem livremente. São hospedados por pastores, que lhes revela ser aquelas montanhas propriedade do Rei dos reis.

- O Senhor destas montanhas sempre nos tem ensinado o dever da hospitalidade; portanto, está à vossa disposição tudo o que há de bom - dizem-lhes os pastores, que se chamam Sabedoria, Experiência, Vigilância e Sinceridade.

Próximo daquelas montanhas há um monte chamado Erro, cuja vertente dá para um abismo no lado oposto. Porém, vizinha a este monte há uma montanha cujo nome é Cautela.

Ao se despedirem dos pastores, estes avisam os peregrinos que se previnam contra o Adulador e que tenham o cuidado de não adormecerem no terreno encantado. Desejam-lhes boa viagem na companhia do Senhor.

No decorrer da viagem, os peregrinos encontram-se com Ignorância, que diz estar a caminho da Cidade Celestial, mas não entrou pela porta que está no princípio da estrada; é, portanto, da classe "ladrão e salteador". Cristão e Esperança vêem um homem caminhando em sentido contrário à Cidade Celestial. Chama-se Volta-Atrás, e está sendo conduzido por sete demônios que o amarraram com grossas cordas. Em suas costas há um letreiro com estas palavras: "Cristão licencioso, maldito e apóstata".

Ao se depararem com uma bifurcação da estrada, param indecisos, sem saber que direção tomar. Mas eis que surge um homem de cor escura, mas coberto de vestes claras, e perguntou aos peregrinos porque eles estão parados ali. Eles responderam:

- Vamos para a Cidade Celestial, mas não sabemos que caminho devemos tomar.

- Vinde comigo que eu também me dirijo para essa cidade - diz-lhes o desconhecido.

Os peregrinos passam prontamente a seguir aquele homem, que se

chama Adulador. Ele os conduz na direção oposta à cidade almejada, até fazê-los cair presos numa rede, e os abandona ali. Eles se debatem na rede até serem socorridos por um ser Resplandecente, que os castiga severamente por eles terem deixado o bom caminho, mas os reconduz à verdadeira estrada.

Ao reiniciarem a caminhada, encontram-se com Ateu, que havia abandonado o caminho celestial; passam pela Terra Encantada, onde muitos viajantes haviam adormecido para nunca mais acordarem; tornam a se encontrar com Ignorância, e concluem que ele é cristão só nas atitudes que assume externamente.

Finalmente os dois peregrinos, felizes e rejubilantes, vêem que estão cada vez mais próximos da Cidade Celestial, pois o número de Seres Resplandecentes a transitar pela estrada é cada vez maior. Estão, portanto, perto dos limites do Céu. À beira da estrada há excelentes vinhas e deliciosos jardins. Eis que de repente surgem dois seres com vestidos reluzentes, cujos rostos resplandecem como a luz. Dirigem-se aos dois peregrinos e lhes dizem que para chegarem à Cidade Celestial é necessário atravessarem o rio da Morte que se estende à frente deles. O rio é bastante profundo, e não há qualquer ponte por onde se possa passar.

- Tendes de atravessá-lo, ou não conseguireis chegar à porta, dizem-lhes os dois seres.

- Não há outro caminho? - pergunta Cristão.

- Há, respondem os Seres Resplandecentes. Mas desde a fundação do mundo, só a dois homens - "Enoque e Elias" - foi permitido passar por cima do rio, mas isto a mais ninguém se permitirá até que se cumpra a vinda do Senhor.

Os dois peregrinos resolvem entrar no rio. Mas subitamente Cristão começa a submergir-se nas águas. E começa a bradar à Esperança:

- Afundo-me nestas águas, passam por mim todas as ondas, rodeam-me as dores da morte, cai sobre mim grande horror e obscuridade, de maneira que nada vejo. Ah! meu amigo, não verei a terra que mana leite e mel!

- Tem coragem, irmão, responde-lhe Esperança. Eu alcancei o fundo do rio, e acho-o seguro. Confia em Jesus Cristo, e lembra-te dos doces refrigerios que Ele sempre nos tem dado.

Ao ouvir estas palavras de Esperança, Cristão exclama em alta voz:

- Sim, já o estou vendo, e ouvindo sua voz dizer-me: "Quando passares pelas águas, estarei contigo, quando pelos rios, eles não te submergirão" (Isaías 43.2J7) 0

Assim avançam, encorajando-se reciprocamente, até alcançarem a outra margem do rio. Grande foi a consolação dos peregrinos ao verem que os dois Seres Resplandecentes os esperavam. Após os saudarem, os seres celestes dizem:

- Somos espíritos ministradores, enviados para servir àqueles que herdaram a salvação.

Após deixarem suas vestes mortais, cheios de consolação por haverem atravessado o rio e por terem a seu serviço tão gloriosos

companheiros, os peregrinos passam a subir uma grande montanha, conduzidos pelos braços dos Seres Resplandecentes. Transpõem as nuvens e as regiões da atmosfera, e percorrem velozmente o espaço infinito rumo à Jerusalém Celestial. Enquanto se aproximam das regiões celestes, os Seres Resplandecentes vão dizendo:

- Já estais perto do Paraíso de Deus, onde vereis a Árvore da Vida e comereis do seu fruto imarcessível. Recebereis, quando entrardes, vestidos brancos, e o vosso trato e conversação com o Rei durará por toda a eternidade. Não tomareis a ver ali o que vistes e sentistes na região inferior da Terra, isto é, dor, enfermidade, aflições e morte, porque tudo isso pertence ao passado (Isaías 65.16,17). Ides juntar-vos, com Abraão, Isaque, Jacó, e com os profetas, a quem Deus livrou do mau futuro, e descansam após haverem andado em justiça. Ides receber consolação por todos os vossos trabalhos, e gozo por toda a vossa tristeza. Recolhereis o que semeastes, isto é, o fruto de todas as vossas orações, lágrimas e sofrimentos que pelo Rei passaste no caminho da vossa peregrinação.

Voando velozmente, eles vão se aproximando cada vez mais da cidade cujo brilho é superior ao do sol, e em cujas ruas calçadas a ouro, passeia um grande número de salvos, com coroas na cabeça, palmas e harpas de ouro nas mãos, entoando louvores.

Os Seres Resplandecentes continuam a enumerar as bênçãos que aguardam Cristão e Esperança.

- Os vossos olhos regozijar-se-ão contemplando o Altíssimo, e os vossos ouvidos deleitar-se-ão com a doce voz do Pai Eterno. Ser-vos-ão dadas vestes de glória e majestade, e quando o Rei da Glória voltar à terra, nas nuvens, ao som da trombeta, como sobre as asas do vento, vireis com Ele. Quando se assentar no trono do julgamento, assentar-vos-eis a seu lado; quando pronunciar a sentença contra os que obraram iniquidade, sejam anjos ou homens, tereis também voz nesse julgamento; e, quando voltar para a Cidade Celestial, regressareis com Ele ao som da trombeta e ficareis com Ele para sempre.

Ao se aproximarem da porta da entrada da Jerusalém eterna, uma multidão das hostes celestiais sai ao encontro deles, perguntando:

- Quem são estes e de onde vêm?

- São homens que amaram o Senhor Jesus Cristo quando estavam no mundo, e tudo deixaram pelo seu santo nome. Agora eles poderão contemplar o seu Redentor face a face, com grande e indescritível alegria - respondem os Seres Resplandecentes.

A multidão, com voz de júbilo, exclama: "Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro" (Apocalipse 19.9).

Sobre a porta da cidade estão gravadas com letras de ouro as seguintes palavras: "Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro, para que tenham direito à Árvore da Vida, e possam entrar na cidade pelas portas" (Apocalipse 22.14).

Os peregrinos recebem então vestidos que resplandecem como o ouro; recebem também harpas e coroas, e passam a encher os espaços com suas melodias, por toda a infinita Jerusalém Celestial.

## **Sadu Sundar Singh, o apóstolo dos pés sangrentos**

Rampur, cidade da Índia. É noite. Entre elevadas montanhas cobertas por verdejantes florestas, na planície estende-se a cidade. O vento que distante sopra sobre a face azul dos lagos suaviza ali as noites quentes de verão. Mas no inverno a chuva precipita-se generosamente sobre as árvores, as ruas, os telhados, os campos, tudo.

Naquela noite em Rampur, o frio era intenso. Reunido com um grupo de criados no pátio de sua mansão, ao redor de um pequeno fogo, o sardar Sher Singh conversava. Absorto, não percebia que na penumbra dois olhos escuros resplandeciam, contemplando-o. Era Sundar Singh, seu filho mais novo. Súbito, todos se voltaram.

Com os olhos fixos nas labaredas do fogo, o moço aproximou-se lentamente. Trazia nas mãos um livro. Quando se avizinhou de todos, furiosamente pôs-se a arrancar as páginas do livro e a arremessá-las nas chamas, bradando:

- Assim e assim destruo o livro dos estrangeiros, o livro de ensinamentos perversos que eles procuram obrigar-nos a aceitar. Odeio a todos eles.

A face amorenada do sardar, cuja nobre cabeça achava-se envolta por um turbante vermelho, foi tomada de ligeira contrariedade. Mas, não saindo de sua majestosa mansidão, fitou os olhos brilhantes e escuros do filho, semelhantes aos seus, e perguntou:

- Que está fazendo, meu filho?

- Estou queimando a Bíblia dos estrangeiros. Eles estão procurando fazer-me cristão, mas eu nunca o serei.

- Sundar Singh - replicou o pai, - isto é uma loucura. A Bíblia é um bom livro e os estrangeiros são bondosos, apesar de sua religião não ser a mesma que a nossa. Veja como eles lhe ensinam tão bem na escola!

- Eles me mandam ler a história do seu Cristo. Eu não quero. - Não é a nossa religião Sik a melhor do mundo? Não estão os nossos livros sagrados cheios dos mais retos ensinamentos? Não somos nós o povo mais antigo da Índia? Como ousam esses cristãos induzir-nos a sermos infiéis aos ensinamentos dos nossos antepassados?

Sher Singh era o governador de um dos três principais estados siks, da religião de Putiala, na Índia, cujo distrito tinha como centro Rampur. Era de Rampur que o sardar governava um território de um milhão e meio de habitantes, cujo solo era constituído, em sua grande parte, de planícies cultivadas que se estendiam até as montanhas de Simla. Foi nas dependências de sua mansão, entre jardins onde desabrochavam as mais belas flores da Índia Setentrional que, em 3 de setembro de 1889, nasceu Sundar Singh, o seu terceiro e último filho.

A mãe de Sundar Singh desde cedo procurou incutir no filho o sentido de religiosidade. Ensinou-lhe as orações que deveria fazer ao levantar-se, ao meio-dia, antes de dormir e nos momentos difíceis. Lia para

ele diariamente os livros sagrados; levava-o ao templo, ensinava-lhe alguns trechos do Gita, e quando ia visitar o velho sadu do bosque próximo, levava-o consigo. Assim cresceu Sundar Singh, nesse clima de intensa religiosidade. Aos sete anos sabia o Gita de cor. E muitas vezes, já adolescente, seu pai o surpreendia na madrugada, curvado junto à lâmpada de óleo, lendo, no silêncio da casa adormecida.



*Sadu Sundar Singh*

Diferente de seus dois irmãos, Sundar Singh não nascera com qualquer aptidão para a vida pública, e isso preocupava seriamente seu pai. Ao contrário de sua mulher, que diariamente ia ao Gurdvara - templo sik - e se demorava mais em suas orações do que em qualquer outra atividade, o sardar era um homem prático, dedicado às coisas práticas. Sua intenção era preparar os filhos para que o substituíssem no governo de Putiala. Mas Sundar Singh era anti-social ao extremo. Isolado sempre, empalidecia lendo e meditando muito.

- Meninos de sua idade só pensam em brincar e se divertir! - disse-lhe seu pai certa vez. - Como é possível ser tão dominado pela mania de religião? Mais tarde você terá tempo de sobra para pensar nisso.

Sundar Singh permanecia calado. Seu irmão mais velho o criticava, apoiando o pai, e dizia: "Ele deve ter pegado essa mania da mamãe ou do velho sadu".

A mãe de Sundar era a única que o compreendia. Em suas orações sempre pedia que o seu filho mais novo permanecesse profundamente religioso. Aos 14 anos de idade, uma ocorrência dolorosa fez Sundar Singh mais silencioso ainda: a morte de sua mãe encheu-o de amargura e o deixou duvidoso até da existência de Deus. Passou a visitar com mais freqüência o bosque, para ouvir as palavras do sadu. Mas cada dia suas dúvidas aumentavam, sua revolta crescia, e o velho filósofo do bosque nada podia fazer por ele. Aos 15 anos já conhecia o Granth dos siks, o Corão, e cerca de 52 Upanishads. Mas não tinha paz.

- "Nem um instante penso viver sem ! ti, Senhor. Tenho tudo, quando me sinto perto de ti, porque tu, Senhor, és o meu tesouro! Suspiro por ti, oh! Senhor! Tenho, sede de ti. Somente em ti meu coração descansa".

Essas palavras lidas nos velhos livros, falavam de uma paz imperecível. Mas Sundar Singh não sabia onde poder encontrá-la.

- Meu filho, não percas tempo agora com estas coisas. Mais tarde conseguirás entendê-las; mais tarde... - dizia-lhe o velho Sher Singh.



Em Rampur havia uma missão americana onde funcionava a Escola Presbiteriana. Dizia-se que os mestres da missão ensinavam bem. Não era aconselhável que um sik mantivesse contato com cristãos, porém, já que na cidade não havia escola melhor, o sardar resolvera matricular seu filho ali. No primeiro dia de aula, após sentar-se no lugar que lhe indicaram, a primeira coisa que a professora deu a Sundar para ler foi o Novo Testamento. Sundar Singh leu em silêncio o ponto assinalado: "Pai nosso que estás no céu, santificado seja o teu nome..." Parou. Avançou rapidamente mais algumas linhas e viu o nome de Cristo. Era o livro dos cristãos! Olhou com ódio para a professora e empurrou o Novo Testamento para longe, temendo o contato.

- Leia - insistiu a professora.

- Por que o leria? Sou um sik e o meu livro sagrado é o Granth.

- Mas o que quero não é fazê-lo cristão. Você pode ler o Novo Testamento e continuar sendo um sik. Porém o regulamento desta escola exige que o livro-texto seja este.



*Em suas longas jornadas em busca de almas para o reino de Deus, os pés de Sundar Singh sangravam...*

Sundar saiu da sala de aula imediatamente. Quando o seu pai soube do caso, simplesmente deu-lhe dinheiro e o obrigou a comprar uma Bíblia. No outro dia, estava ele na sala de aula, pronto para acompanhar a leitura. Mas a partir desse dia começou a odiar os cristãos. Zombava da Bíblia, não ia à aula, perseguia os colegas crentes, apedrejava as reuniões ao ar livre.

Todas estas reações culminaram naquele ato de rebeldia, quando diante de seu pai, furiosamente despedaçou a Bíblia e lançou suas páginas ao fogo. Naquela noite de rigoroso inverno, ele se trancou em seu quarto, disposto a saber quem era aquele Cristo de quem tanto falavam, se existia realmente ou não. Se não obtivesse resposta, se suicidaria.

Já eram passados quase três dias, Sundar estava dobrado no chão, o rosto repousado no assoalho, quando uma voz lhe falou em perfeito hindustani:

- "Até quando me perseguirás? Eu vim para salvar-te. Oras para conhecer o Caminho. Por que não me segues?"

Sundar ergueu o rosto e olhou em volta, assustado, e murmurou:

- "Jesus Cristo não está morto, mas vive; Ele está aqui. Eu ouvi a sua voz! Eu ouvi a sua voz!"

É o próprio Sundar quem conta: "Caí aos seus pés e senti essa paz maravilhosa que não havia encontrado em outro lugar. Era essa paz que eu buscava. Aquilo era o próprio Céu. Quando me levantei, a visão tinha desaparecido, mas a paz e a alegria permaneceram comigo para sempre."

Quando saiu do quarto e contou o ocorrido a seus irmãos, eles o criticaram furiosamente:

- Estás louco. Que blasfêmia! Mas o pai lhe disse com calma:

- Meu filho, tu não podes estar pensando nisso. Talvez estejas um pouco febril e tenhas sonhado. Há poucos dias destruístes uma Bíblia e juraste que odiavas os cristãos. Descansa, e isto logo passará.

- Eu não estou louco nem sonhei, meu pai - respondeu Sundar firmemente. - Fui louco, louco por ter lutado tão rudemente contra os ensinamentos de Jesus! Louco por pensar que tinha de procurar e achar Deus, quando em todo esse tempo Ele estava me procurando.

- Silêncio! - disse o sardar severamente. - Retira-te, não queremos mais ouvir isso.

- Meu pai, eu o obedecerei em tudo, exceto nisto!

- Retira-te! já disse. Ele curvou-se e saiu. O sardar comentou com os dois filhos:

- Isto passará. É apenas um delírio. Ele tem sido fiel à nossa religião e não a trocará por outra!

Mas o velho Sher Singh estava enganado. Seu filho cada dia se mostrava mais fervoroso, orando muito, lendo a Bíblia, falando do amor de Jesus dentro de casa, nas ruas, a qualquer pessoa que encontrasse. O sardar reuniu então a família, e em presença de todos tentou obrigar Sundar a desistir de tudo aquilo que o havia modificado ultimamente. Fez-lhe belas promessas, ofereceu-lhe dinheiro. Um tio riquíssimo, presente à reunião, prometeu-lhe que o faria seu herdeiro universal, caso Sundar Singh negasse aquele Jesus Cristo tão adverso à religião sik. Mas Sundar, diante da perplexidade de todos, respondeu:

- Eu não posso rejeitá-lo. Seguirei a Cristo por onde Ele me conduzir.

A ira incendiou a face de Sher Singh. E sob o silêncio de todos, o sardar falou:

- Pois eu, neste momento, em nome dos siks, em nome da família

Singh (em hindi significa leão), e em meu próprio nome, excludo-te de nossa casa, destituo-te do meu testamento, declaro-te maldito, e proíbo-te de continuares mais um minuto que seja em nossa presença e sob este teto!

Antes de deixar a família, Sundar Singh pegou sua Bíblia, algumas frutas e saiu para enfrentar os rigores da noite. Procurou, depois de andar algumas horas, um abrigo onde pudesse descansar. Só encontrou uma árvore. Ali acomodou-se como pôde e adormeceu. Pela madrugada acordou sentindo dores insuportáveis no estômago. As frutas que comera! Eles as haviam envenenado! Preferiam matá-lo a vê-lo manchar o nome da família. Com dificuldade, levantou-se. Apesar do frio intensíssimo, um calor queimava-lhe o rosto e calafrios percorriam-lhe todo o corpo. Precisava chegar à missão americana. Eles tinham medicamentos e o ajudariam. Tentou andar, caiu; levantou-se e saiu cambaleando novamente. Quando caiu inconsciente à soleira da porta da missão, não viu que quatro mãos cristãs o levaram para dentro.

Três anos depois, Sundar Singh era um jovem alto, majestoso, de barba escura e olhos admiráveis. Estudara durante esse tempo na escola da missão. Naquele momento conversava com o diretor:

- Irei para o meu próprio povo. Vestirei um hábito de sadu (em hindi significa puro, reto), e sairei, como o meu Mestre fez, pregando o Evangelho em todas as cidades e vilas. Ao ver-me nesses trajes eles sentirão que lhes pertence, que sou justamente um deles, e estarão mais prontos a escutar-me do que se eu usar um casaco preto, um colarinho duro e sapatos.

E assim, usando hábito de sadu indiano, e com os pés descalços, Sundar Singh caminhou para Rampur. Quando Sher Singh soube que seu filho pregava na praça, diante de um ajuntamento de curiosos, correu para vê-lo. Mas Sundar Singh já desaparecera, rumo à aldeia seguinte. Apenas pôde distinguir as marcas dos pés de seu filho, curiosamente impressas no pó. Era fácil identificá-las. Estranhos sinais escuros as diferenciavam das outras. Olhou com cuidado: os pés de seu filho sangravam!

Sundar Singh atravessou todo o Pun-jab, caminhou através das montanhas de Cachemir, atravessou florestas, cruzou o Beluquistão, dormiu em cabanas de pastores e atingiu Jallalabd, sempre falando de Jesus Cristo, o seu Mestre e Salvador. Cruzou o Indus, viu as planícies de arrozais sem fim, penetrou em Putiala e foi deter-se em Kotgar. Depois rumou para o Himalaia.

Envoltos em nuvens, sob neves eternas e cobertos de gelo, os picos do Himalaia erguem-se para o céu. Bancos de neve ocultam precipícios e vales profundos. Soprando sobre florestas de ciprestes e coníferas, o intenso vento fere como a ponta de um chicote. Há riscos constantes e tremendos nas subidas das serras; serras tão íngremes que muitas vezes forçavam Sundar Singh a caminhar lentamente, apoiando-se nas encostas para não cair; as mãos dormentes de frio, os pés sangrando. Há gargantas abissais que se abrem para tragar o viajante, e o perigo do sono sobre a neve. O Himalaia foi o maior desafio na vida de Sundar Singh, pois, para além de suas montanhas de gelo, o budismo domina o Tibete, e naquele país, os lamas são autoridades absolutas e não admitem que forasteiro algum fale

de outra religião em seu território.

Mas Sundar Singh foi, mas Sundar Singh cruzou o Himalaia, chegou ao Tibete, levou Cristo a cada cidade, a cada povoado, de aldeia em aldeia, de cabana em cabana; falou de Cristo até ao próprio Lama. Foi preso, passou três dias no "vale da sombra da morte". Alguém o libertou misteriosamente e ele continuou a pregar. Levado novamente à presença do Lama, foi ameaçado de morte e expulso. Saiu de Tibete, mas saiu pregando, sempre pregando, falando do amor de Jesus Cristo e prometendo voltar.

Certa vez passou dez dias em total jejum, orando. Encontraram-no inconsciente. Socorreram-no. Mas a partir daquele dia, o poder do Espírito Santo desceu sobre ele e o induziu a pregar a todas as igrejas do mundo. A Igreja do Sul da Índia o convidou. Ele foi e chegou a falar para 32 mil pessoas de uma só vez. De lá foi à Birmânia. Da Birmânia subiu à China. Da China passou ao Japão. A Igreja do Ocidente queria ouvi-lo. Ele visitou-a. Foi à Inglaterra e depois à Holanda. Em Haia a elite cultural o ouviu pregar. Em Estocolmo hospedou-o o príncipe Oscar, irmão do rei. Todos queriam vê-lo e ouvi-lo. Tornara-se uma personalidade mundialmente famosa. Chegou a pregar para duzentos pastores em um só culto.

Sua bondade, suas vestes longas, sua face amorenada, seus olhos brilhantes faziam-no parecer o próprio Jesus em visita a todas as igrejas do mundo. Certa vez, na Inglaterra, prometeu visitar uma senhora, esposa de um homem ilustre. À hora marcada tocou a campainha da casa onde o esperavam. Atendeu-o uma empregada, vinda poucos dias antes da aldeia. O sadu deu seu nome e ela correu à patroa:

- Lá fora está um homem procurando a senhora. O nome é uma embrulhada que não se entende, mas o jeito dele faz pensar que bem pode ser Jesus!

Quando soube que seu pai se convertera, voltou à Índia e ficou em sua casa alguns dias, em repouso. Mas seu coração estava sempre voltado para o Tibete. Dias depois, tentou novamente voltar àquele país, porém perdeu o caminho. A neve ofuscante quase o cegou e ele voltou para casa, doente. Restabelecido, tentou outra vez. Caiu no meio do caminho e foi trazido novamente para casa, por viajantes tibetanos, quase morto. O médico proibiu-o de fazer qualquer viagem. Ele passou a escrever, a orar e a meditar passeando no jardim de sua grande casa. Mas os frios ventos que sopravam no norte, vindos diretamente dos campos de neve do Himalaia, pareciam um gemido, uma súplica, pedindo-lhe que avançasse, pedindo-lhe que fosse novamente levar a Palavra de Cristo ao povo do Tibete. Em uma das rotineiras visitas do seu médico, Sundar Singh disse-lhe:

- Não posso enfraquecer o espírito com esta vinda aqui. Devo dar-lhe uma explicação mais completa: afinal de contas, por que apegar-me-ia eu à vida? Estou bastante forte para viajar de novo e, se necessário, morrer por Jesus.

O médico nada pôde fazer para que ele desistisse daquela viagem.

- Voltarei de novo no outono, se tudo for bem, disse ele, ao se despedir.

E foi. E nunca mais voltou. O seu corpo não foi encontrado em parte alguma. Não houve notícia de que tenha cruzado com algum viajante ou que passasse em algum lugarejo. E provável que no Himalaia esteja hoje a sua sepultura.

Sobre o gelo, sangue: pés feridos em caminhos de brancura, rasgando o alvor da neve. A noite, o frio, o vento, a solidão, o •gelo, o gelo, o gelo... Rubros de sangue, violentados pelos climas glaciais, sobre as montanhas os pés de Sundar Singh deixaram um rastro vermelho, um doloroso rastro de sacrifício pelo Evangelho, testemunho vivo dos caminhos de luz que conduzem a Jesus Cristo e às Planícies da Paz.

Ó vós que na Índia, sobre o Himalaia, no Tibete ou em qualquer outro vale de escuridão, trilhais os caminhos da morte, ouvi a voz desse que clamou sobre as montanhas, entre os viajores, nas aldeias, nas cidades, nos continentes, anunciando a Redenção. Aquela voz que se perdeu entre os abismos frios; aqueles pés sangrentos que pela última vez pisaram a face da neve, vê-los-emos nas ruas da Jerusalém eterna, no dia em que, entre glórias e hosanas, contemplarmos no Céu a majestosa e serena face de Cristo!

## **Maria Slessor, a pacificadora de tribos africanas**

É madrugada. A alguns quilômetros da orla marítima, uma mulher e seis crianças negras caminham para a margem de um rio. Chove. Homens e mulheres africanos perguntam:

- Por que nos abandonas, mãe?

Maria Slessor pára junto à canoa, volta-se, contempla aqueles semblantes escuros e fala docemente:

- Não fiquem tristes. Sei que vou para o meio de um povo feroz, mas eles também precisam ouvir falar de Jesus. Alegrem-se. Eu voltarei. Mas se não voltar, nós nos encontraremos nas margens do Grande Rio, diante do Grande Pai. E ali seremos todos de uma só cor, alvos como um dente de marfim.

Em companhia das seis crianças, Maria entra na canoa, e parte, sob o olhar silencioso da tribo de Creek Town.



*Maria Slessor*

Maria Slessor nasceu na Escócia, em 1848. Era loura, de cabelos lisos e olhos azuis. Aos onze anos de idade foi obrigada a trabalhar na tecelagem para ajudar financeiramente sua mãe, pois seu pai, alcoólatra inveterado, após a morte de Roberto, o filho mais velho, abandonou a senhora Slessor e os quatro filhos restantes. Aos 14 anos já era considerada uma hábil tecelã. Não sabia ela que futuramente Cristo a incumbiria de tecer as vestes brancas da salvação no coração dos negros africanos.

Sua mãe era crente, membro da igreja de Aberdenn e costumava contar aos filhos alguns incidentes da Missão Africana, visando despertar-lhes o interesse pela obra missionária. Atentos, eles ouviam a senhora Slessor falar-lhes de um rei africano e dos seus chefes de cor; das terras e das boas-vindas que costumavam oferecer aos missionários enviados; dos pretos de Cala-bar; de como Hope Waddell fora morar corajosamente no meio dos pântanos, e ali brilhar como uma luz, pregando aos selvagens o Evangelho de Cristo, e o quanto a

Missão necessitava de obreiros e de manutenção.

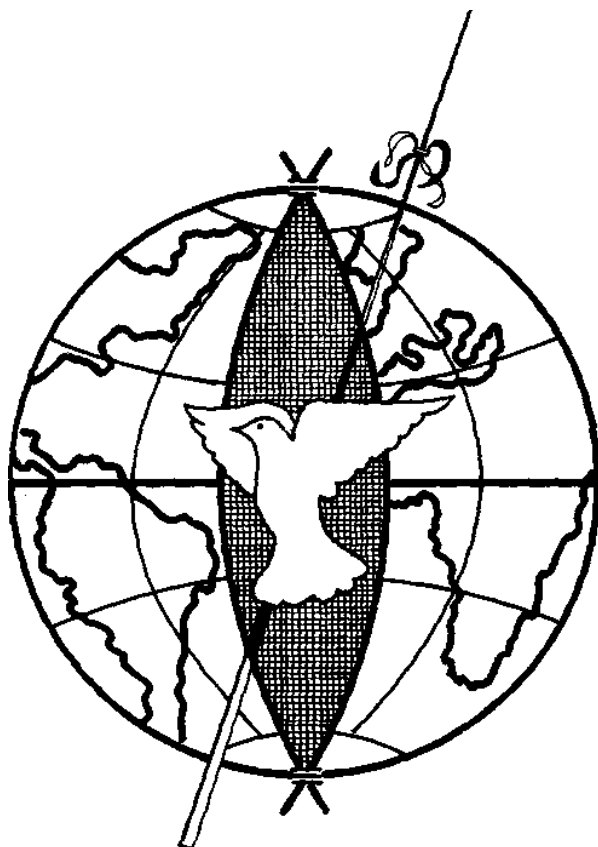
Às cinco da manhã, Maria se levantava e ia para a fábrica, onde permanecia até às dezoito horas. Levava sempre a Bíblia consigo, lendo-a no caminho, quando ia e quando voltava, e durante os intervalos do seu

trabalho. Nessa época tornara-se membro da igreja de Wishart. Ali, pouco tempo depois, começou a dirigir uma classe bíblica para meninos rebeldes. Para atrair aqueles que se recusavam terminantemente a frequentar a classe, ela promovia reuniões ao ar livre. Certa vez um grupo de rapazes perversos resolveu acabar com uma dessas reuniões. O líder do grupo aproximou-se de Maria, sob o olhar dos demais, inclusive das crianças, e começou a girar uma corrente em cuja ponta estava presa uma bola de ferro. E a girava velozmente, avizinhando-a da cabeça de Maria, mas esta, encarando-o firmemente, não denunciava nenhum sinal de medo. - "Ela tem coragem" - disse o rapaz, desistindo e baixando o braço com que segurava a corrente. Em seguida sentaram-se todos, e juntamente com as crianças assistiram à reunião. Esse incidente contribuiu para mudar a vida daqueles moços, salientando também a coragem daquela que, não temendo lidar com garotos rebeldes nem enfrentar rapazes insubordinados, desafiaria, em plena selva, a agressividade e as lanças dos negros africanos.

A missão de Calabar, na África Ocidental, tinha sido fundada no ano de 1846. Kurumã estava sendo evangelizado por Robertt Moffat, enquanto David Livingstone, "o fogo das mil aldeias", abria caminho através de todo o restante do Continente. O sonho da senhora Slessor era que Roberto, seu filho mais velho, fosse à África auxiliar o trabalho desses missionários. Mas a morte prematura do rapaz fê-la sentir que nunca teria um filho missionário.

Quando, em 1874, Maria Slessor completou 26 anos, foi pedida em casamento. Mas neste mesmo ano o Império Britânico foi abalado com a notícia da morte de David Livingstone. Fizeram então apelo a voluntários para o continente africano, e Maria, decidindo entre Cristo e o casamento, optou pelo primeiro e ofereceu-se como missionária para Calabar. Nessa época, ela era aluna da Escola Normal de Edimburgo, e a coragem em seguir para um lugar conhecido como "sepultura dos brancos", deixou forte impressão em todos. Em agosto de 1876, no cais de Liverpool, Maria embarcava em um navio que a levaria a um continente que em nada se assemelhava à sua bela Escócia. Tornava-se então realidade o sonho da senhora Slessor.

Pelas areias brancas de Cabo Verde, pelo Desembocadouro dos Escravos, pela Costa do Marfim e pela Costa do Ouro, a bordo do navio "Etiópia", dois olhos azuis deslizavam sua curiosidade pela misteriosa paisagem que delineia a navegação costeira. Maria Slessor, recebendo brandamente no rosto a aragem fresca das praias africanas, contemplava interessadamente aquelas florestas que se erguiam, hostis e impenetráveis, margeando toda a costa. Chegando a Calabar, desembarcou e foi conduzida a Duke Town, uma vila litorânea onde residiam alguns missionários. Ali ela viveu durante quatro anos, ajudando nos cultos e estudando a língua local e alguns dialetos nativos.



*Entre escudos e lanças, no coração da África, Maria Slessor pregou o Evangelho da Paz*

Era madrugada ainda quando Maria se levantava para tocar o sino, convocando os crentes à oração. O seu espírito, entretanto, ansiava por um trabalho de maior alcance, a liberdade pioneira, o desbravamento daquele solo enegrecido pelo pecado. Muitas vezes ela caminhava para a mata fechada e contemplava demorada-mente as árvores que se erguiam ao longe, indecifráveis, sumindo no horizonte além. Era ali que se travavam, entre tribos que praticavam a feitiçaria e o canibalismo, os choques mais horrendos e cruéis já contemplados pela natureza humana. E era ali que ela deveria estar, entre eles, modificando-lhes as práticas da ignorância e falando-lhes do amor de Jesus.

Foi de um vilarejo chamado Cidade Velha que lhe veio o primeiro convite para ir evangelizar e morar entre eles. Ela aceitou, agradecendo a Deus. Agora poderia expandir plenamente a sua vocação missionária. Seguiu para lá acompanhada de um guia e alguns carregadores. Quando a vereda por onde caminhavam se dividiu em duas, eles se depararam com um crânio humano enfiado em uma estaca. Ali estava designada a entrada da Cidade Velha.

Durante mais de dois anos, Maria Slessor viveu naquele povoado como a única mulher branca entre negros, alegre por estar no meio deles, comendo na mesma mesa e falando-lhes da obra salvadora de Jesus. As paredes de sua casa eram de taipa e o teto de palha, e havia sempre várias crianças dormindo ali - órfãos e desprezados que Maria abrigava. Pensando nestas e nas outras crianças, fundou uma escola onde lhes ensinava não só o idioma deles, mas também a darem os primeiros passos nos caminhos



eternos. Aos domingos pela manhã, dois meninos carregando um sino em um pau de bambu, percorriam toda a vila até o local da reunião, trazendo atrás de si um número sempre crescente de negros curiosos que se achegavam para ouvir a "Mãe Branca"., E quando a noite se declinava sobre o povoado, recebia sempre em sua frente escura a claridade do cântico daqueles nativos que cultuavam a Deus à luz das tochas vermelhas.

Certa vez uma canoa pintada de vivas cores e conduzida por quatro negros de pele oleosa e rostos pintados de vermelho aproximou-se das margens do rio que banhava o vilarejo. Era a canoa do rei Ocon, chefe da tribo Ibaca, que a enviara juntamente com o convite para que Maria fosse morar em sua tribo. Ela aceitou. Esta seria uma grande oportunidade de evangelizar um povo que desconhecia Cristo. Logo, toda a Cidade Velha ficou alvoroçada e entristecida. Mas às três horas da madrugada, despedindo-se de todos, Maria era conduzida rio acima, sob a cobertura de uma esteira improvisada para protegê-la da chuva e da água levantada pelos remos. Por um longo espaço de tempo aqueles homens remaram, e quando a madrugada enrubescia as primeiras horas do dia, sob o latido de cães e o cantar dos galos, chegaram a Ibaca.

Deram-lhe uma casa semelhante à outra onde morava anteriormente. Multidões vieram das vilas vizinhas para ver sua pele branca. Pela manhã e à noite realizava cultos; durante o dia dava remédios aos doentes, fazia curativos em suas feridas ou lhes aconselhava o que deviam fazer. Homens, ao natural ferozes e barulhentos, ficavam em completo silêncio ao verem Maria aproximar-se para lhes contar histórias. Ali, ela falou o Evangelho de Cristo a todos" os que se achegaram para vê-la.

Pelos fins de 1882, um tufão passou com extrema rapidez sobre a vila e derrubou a casa de Maria. Ela foi levada a Duke Town, mas o seu estado de saúde se agravou, fazendo-se necessária a sua volta à Escócia. Depois de três anos, recuperada e novamente pronta para enfrentar as dificuldades, voltou à África, desta vez se dirigindo para a tribo de Creek Town. Viveu durante seis meses nesse povoado, até quando soube que o rei Eio, chefe da tribo Coiong, praticante da magia negra, a convidara para evangelizar sua tribo. Todos se opuseram à sua ida, alegando que aquela tribo não merecia confiança e que o convite era uma cilada. Mas ela não se impressionou, e, acompanhada de seis crianças e alguns carregadores, embarcou na canoa enviada pelo rei.

Quando alcançaram a desembocadura de Equenque, a canoa foi abandonada, e, sob uma pesada chuva e o choro das crianças, iniciaram a jornada a pé, através de mais de uma légua de mata fechada, sentindo no corpo as roupas encharcarem-se e os pés atolarem-se na lama. Maria avançava cantando trechos de hinos, a fim de encorajar as crianças. Mas em certos momentos era tão grande o seu cansaço que ela só conseguia pronunciar: "Meu Deus!" Chegaram enfim à tribo. Reinava ali um silêncio profundo. Maria gritou e dois escravos apareceram. Um deles acendeu o fogo e trouxe-lhe água, enquanto o outro correu com a notícia de que a "Mãe Branca" era chegada.

É noite. Em uma área larga, no centro da tribo, há uma multidão de negros sentados, formando um grande círculo. As casas, distribuídas de modo a formar uma larga circunferência, erguem-se em volta dos ombros escuros. No centro da reunião há uma mesa coberta com uma toalha branca, e, em cima desta, acha-se aberta uma Bíblia. Quatro tochas presas a estacas se erguem de um lado e do outro da mesa. As chamas brilham nos rostos atentos. Junto à mesa há vários chefes sentados. E de pé, com os cabelos adquirindo tonalidade de ouro sob a vermelhidão das tochas, Maria Slessor prega ao maior ajuntamento de tribos negras já conseguido de uma só vez. O olhar azul contempla a multidão silenciosa e atenta. "Para alumiar os que estão no assento das trevas e na sombra da morte, para corrigir os nossos pés no caminho da paz" (Lucas 1.79), é o trecho lido naquela noite pelos lábios que ainda se abriam inúmeras vezes para pregar a Palavra da Vida.

Maria Slessor viveu ainda muitos anos entre as tribos africanas. Através de sua voz, milhares de negros tomaram conhecimento de Jesus Cristo e milhares o aceitaram como o Salvador. Ela foi, depois de David Livingstone, a missionária que mais conduziu negros aos alvos caminhos da salvação. Em janeiro de 1915, cansada e ainda em plena África, ela foi ao encontro daquele que, na grandiosidade do seu sacrifício, foi erguido no madeiro para se constituir a esperança de todos os povos.

## **Daniel Berg, um pioneiro pentecostal nas selvas do Brasil**

Ao se aproximar do Oceano Atlântico, o rio Amazonas divide-se à direita e à esquerda. Nesse trecho, alarga-se muito e recebe, à direita, o nome de rio Pará, formando o amplo espaço aquático da baía de Marajó, desaguando em seguida no oceano. Para alcançar Belém, capital do Estado do Pará, os navios vindos do Atlântico penetram a baía e navegam as águas em sentido contrário ao curso do rio, aproximando-se do porto da cidade pela margem esquerda.

No dia 19 de novembro de 1910, dezenas de pessoas acompanhavam as manobras de navegação de um grande navio que se aproximava do Cais de Belém. A realização de várias atividades portuárias naquela manhã não permitiu que o navio Clement atracasse no cais. Por esse motivo, um barco foi enviado para transportar os passageiros do navio que chegara de Nova Iorque e acabara de lançar âncora ao largo do porto.

Quando o barco se aproximou do cais, trazendo os passageiros, um grupo de homens, mulheres e crianças começou a acenar, a sorrir, a gritar, a bater palmas, a pronunciar nomes, numa efusão de alegria autenticamente brasileira. Ao desembarcarem, os passageiros viram-se rodeados pelos parentes e amigos, que, entre palavras, sorrisos e abraços, ajudavam-nos a levar a bagagem. Quando quase todos já haviam desembarcados, dois homens, empunhando firmemente as alças de suas malas, pisaram solenemente na plataforma do cais. Não havia ninguém à espera deles. Porém, o desembarque desses dois estrangeiros em solo brasileiro, numa clara manhã de novembro, terá em breve um grandioso significado para a história do Movimento Pentecostal no Brasil.

Nesse momento, os pés desses dois homens estão a pisar firmemente o solo de um país que eles ainda desconhecem, mas em breve aqueles pés tornar-se-ão cansados e feridos, porém formosos sobre os montes, pedras, selvas, espinhos e cidades brasileiras, quando os dois missionários saírem a anunciar as Boas-novas de salvação. Aqueles dois homens ainda não entendem nenhuma palavra da língua portuguesa, mas são capazes de falar em mistério com Deus. Ambos não refletem em seus semblantes a alegria que se vê estampada nos rostos amorenados dos homens, mulheres e crianças que falam alto, se abraçam e se afastam do cais, mas nos corações daqueles dois estrangeiros arde a chama do Espírito Santo, um fogo suficiente para produzir cânticos e júbilos tão intensos, .que em breve irromperão nos lábios e nos corações das primeiras almas resgatadas das trevas para fazerem parte do grande rebanho da Assembléia de Deus no Brasil.

Nascidos na Suécia, eles embarcaram em Nova Iorque naquele navio desconfortável que acabara de chegar a Belém. Além da grande fé que trazem nos corações, e da pouca bagagem contida em suas malas, eles dispõem de uma quantia tão pequena de dinheiro, que não lhes permite

aceitar que os carregadores transportem suas malas.

Um deles é alto, forte, pele clara, cabelos e bigodes escuros, olhar sereno e decidido. O outro é de estatura mediana, loiro, olhos azuis, a olhar com firmeza e serenidade para todas as coisas. O mais alto chama-se Daniel Berg. O outro, Gunnar Vingren. Ambos foram enviados por Deus para trazer o Pentecoste ao Brasil.

Quando ainda estavam em Nova Iorque, Daniel e Vingren haviam decidido comprar passagens de terceira classe, a fim de economizarem o pouco dinheiro de que dispunham. Conseqüentemente, quase não puderam se alimentar durante a viagem, pois a comida que serviam aos passageiros dessa classe era de má qualidade. Por esse motivo, ao se distanciarem do cais, a primeira resolução que tomaram foi localizar um restaurante, quando então, e pela primeira vez, puderam servir-se de pratos autenticamente brasileiros.

Após saírem do restaurante, Vingren perguntou a Daniel:

- E agora Daniel, para onde vamos?

- Vamos subir por esta rua, Vingren, e certamente Deus nos orientará sobre o que devemos fazer.

### *A cidade eterna*

Carregando suas malas, os dois embaixadores do Deus Altíssimo começaram a subir lentamente a rua. Tudo o que viam ali era infinitamente diferente do que tinham visto nos Estados Unidos e na Suécia. As torres altas das belas casas em estilo colonial contrastavam com os casebres extremamente pobres que circundavam a cidade. Ruas pedregosas e poeirentas se ramificavam em várias direções opostas ao rio. Transitando normalmente por essas ruas, vários leprosos, que haviam ocorrido à Belém ao ouvirem dizer que naquela cidade fora descoberta a cura da lepra, expunham ao olhar dos transeuntes os seus corpos mutilados pela doença. Ao contemplarem este quadro doloroso, um sentimento de compaixão e de amor invadiu os seus corações.

Enquanto caminhava observando a paisagem que se estendia adiante dos seus olhos, é provável que Daniel Berg tenha-se lembrado de sua pequena cidade natal, Vargon. Certamente, nada havia em comum entre aquela que era conhecida na Suécia como "a Ilha do Lobo", e a cidade de Belém. Porém, ao contemplar aquelas ruas e aqueles homens e mulheres curiosos, muitos deles pobremente vestidos, a andarem para lá e para cá como ovelhas desgarradas que não têm pastor, Daniel Berg deve ter-se lembrado dos montes, das fontes abundantes e dos lagos cristalinos de Vargon, a cidade montanhosa, o lugar predileto dos reis da Suécia para a realização de caçadas.

E certamente naquela hora desejou falar àquele povo da existência de um lugar muito diferente de Belém, e até mais belo e infinitamente mais vasto do que sua cidade natal; um lugar onde não há ruas pedregosas e acidentadas, nem casas mal iluminadas e pobres, ou pessoas sem mãos, sem orelhas, sem nariz e sem dedos a andar pelas ruas.

Ele lhes falaria da Jerusalém Celestial, a pátria eterna de todos os que aceitam a Jesus como Salvador, e guardam sua Palavra no coração; a Cidade das Doze Portas, em cujas ruas de ouro e cristal, em tempo sempre sereno e claríssimo, brilha o Sol da Justiça; onde, quando se iniciar o jubileu das eternas bem-aventuranças, os salvos e remidos pelo sangue do Cordeiro viverão eternamente nas amplíssimas regiões celestiais.

#### *Primeiras referências sobre os evangélicos*

Após andarem durante algum tempo, os missionários resolveram sentar-se em um banco de jardim, e ali fazer uma oração. Em seguida sentiram desejo de voltar na direção do porto. Uma família que também viajara no navio Clement, e falava inglês, os encontrou e lhes indicou um hotel. Ali os missionários entraram em contato com outra pessoa que também falava inglês, e esta informou que conhecia um evangélico naquela cidade, mas não sabia onde morava.

Já era noite. Os missionários trataram então de arranjar um quarto naquele hotel. Ao fazerem um balanço de suas finanças, descobriram que só dispunham de quatro dólares e alguns centavos. Não ficaram nada surpresos ao saber que um quarto para duas pessoas custava 16 mil réis (o equivalente, na época, a quatro dólares). Com o restante pagariam a passagem de bonde no dia seguinte.

Ao se recolherem para dormir, Vingren deparou-se com um jornal jogado no chão. Certamente o hóspede anterior o esquecera ali. Apesar de não entender nada da língua portuguesa, o missionário passou a folheá-lo assim mesmo. Súbito, gritou para Daniel:

- Aqui está, Daniel, a resposta de Deus! O redator deste jornal é o irmão Justus Nelson, um pastor metodista que eu conheci na América do Norte. Amanhã nós iremos procurá-lo, e ele certamente nos dará as orientações de que necessitamos.

Naquela noite Daniel Berg e Gunnar Vingren elevaram seus corações ao Onipotente e misericordioso Deus, e agradeceram o cuidado e o amor que Ele estava tendo sobre suas vidas, e a direção e a paz que enchia seus corações. Confiantes em Jesus, o sublime e seguro guia de suas almas, adormeceram.

#### *Em casa do pastor batista*

No dia seguinte, após pedirem que Deus os conduzisse, tomaram o café da manhã e saíram à procura do pastor metodista. Ao chegarem à casa do irmão Justus Nelson, este os recebeu alegremente. Após contar-lhes as muitas experiências que vivera ali, o irmão Nelson tratou de conduzir os missionários ao pastor batista local, irmão Erik Nilson, também de origem sueca.

Erik Nilson recebeu alegremente os seus compatriotas e irmãos na fé. Quando soube que estavam hospedados em hotel, convidou-os a morar no porão da igreja, e a auxiliá-lo nos trabalhos da igreja (Batista), em Belém,

situada na Rua João Balby, n" 406. Daniel e Vingren aceitaram o convite. Voltaram para apanhar a pouca bagagem que lhes pertencia, e passaram a morar em um corredor escuro e abafado.

A notícia de que dois missionários haviam recentemente chegado dos Estados Unidos alcançou rapidamente as quatro igrejas evangélicas existentes em Belém. E logo Daniel e Vingren passaram a visitar as igrejas, pois todos queriam vê-los e ouvi-los. Em uma dessas igrejas, os missionários cantaram em duas vozes o hino "Jesus Christ is made to me, ali I need, ali I need" (Jesus Cristo é tudo para mim, tudo o que eu necessito, tudo o que eu necessito), e o poder de Deus caiu maravilhosamente sobre os irmãos!

Já em suas primeiras pregações, Daniel e Vingren passaram a falar acerca do batismo com o Espírito Santo. Este assunto era novidade para quase todos os crentes batistas, e para os das outras denominações também. Porém, alguns deles já tinham ouvido ou lido anteriormente acerca do assunto, mas não sabiam que a promessa do batismo com o Espírito Santo era também para eles. Após a chegada dos missionários, o número de ouvintes da Palavra de Deus aumentou rapidamente. Antes, nem os cultos aos domingos conseguiam encher a metade do templo. Quando Vingren e Daniel Berg passaram a tomar parte ativa nos trabalhos, o templo da igreja Batista encheu de tal maneira que muita gente teve de assistir aos cultos em pé.

### *Conhecendo os segredos da selva*

Um mês após haverem chegado ao Pará, os missionários foram convidados pelo irmão Adriano Nobre, que era membro da Igreja Presbiteriana em Belém, para uma viagem à casa dos seus pais. Os pais de Adriano moravam em uma localidade chamada Boca do Ipixuna. Ali os seringueiros extraíam borracha. Durante três dias seguidos, Vingren e Daniel viajaram de barco por diversos rios. Foi então que puderam entrar em contato com aquela selva imensa, com árvores que pendiam seus frondosos galhos para dentro dos rios; com belíssimas orquídeas e grandes cipós arqueados como arcos de triunfo, a saudar o avanço dos dois servos de Deus pelos mistérios da selva!

Árvores arrancadas pelas águas desciam lentamente na correnteza. Derivando-se dos rios maiores, dezenas de afluentes abriam-se em leque, serpenteando por entre a floresta, formando ilhas, alagadiços e igapós. Abrindo o vôo, bandos de pássaros cortavam o límpido e sereno céu sobre as selvas. No alto das árvores, subitamente, macacos pulavam com agilidade de um galho para outro. Havia crocodilos nas margens dos rios, borboletas coloridas que, aqui e ali, voavam no ar onde se respirava o perfume agreste das flores tropicais. Mas também havia as pragas. O carapanã (mosquito) atacava ao anoitecer e só dava tréguas pela manhã, quando era substituído pela mutuca (espécie de mosca sanguessuga).

Curiosos e maravilhados diante do mundo de beleza e mistério que se estendia diante dos seus olhos, os missionários ouviam, durante o dia,

cantos, silvos, urros e estalidos que contrastavam com o silêncio que, à noite, caía sobre os animais adormecidos e ocultos entre as gigantescas árvores.

Viajando por rios estreitos e largos, os missionários puderam contemplar a beleza daquelas noites sossegadas, noites em que, no plenilúnio, o majestoso luar se apossa do escuro azul do céu, e as estrelas brilham à flor dos rios como um bando de aves de prata.

Quando se aproximaram da localidade onde moravam os pais de Adriano Nobre, Vingren e Daniel viram, às margens dos rios, casas erguidas sobre pilares de madeira - as palafitas. Ficaram felizes ao saber que no interior de algumas delas moravam famílias evangélicas. Ali participaram de pequenas reuniões de oração, onde puderam pregar a Palavra de Deus e cantar em português alguns hinos decorados. Os missionários comeram do que havia de melhor no interior daqueles humildes lares: farinha, arroz, feijão sem sal, carne seca e café sem leite. No final de um mês e meio, retornaram a Belém.

#### *O primeiro batismo com o Espírito Santo*

Para obterem dinheiro e poderem pagar um professor de português, ficou tratado que Daniel voltaria a exercer o ofício de fundidor que aprendera nos Estados Unidos, enquanto Vingren estudaria durante o dia. À noite, Vingren ensinaria a Daniel o que aprendera. E assim, com muito esforço, aprenderam o português. O salário de 12 mil réis por dia proporcionou aos missionários condições de se manterem relativamente bem e poderem comprar Bíblias e Novos Testamentos nos Estados Unidos.

Os irmãos passaram a visitar a moradia de Vingren e Berg, e no decorrer do tempo, comprovaram que eles eram homens de oração e de fé, e viviam o que pregavam. Nessa ocasião, os missionários ficaram sabendo que muito antes de sua chegada a Belém, os diáconos da igreja Batista estavam orando todos os sábados, pedindo a Deus que enviasse mais missionários ao Brasil. Portanto, Daniel e Vingren eram considerados por esses irmãos como resposta às suas orações.

Além do mais, o fato de os dois missionários viverem naquele porão em condições tão precárias e continuarem sadios e dispostos a pregar a Palavra de Deus a qualquer hora do dia ou da noite, era uma indiscutível prova de que Deus os enviara.

Os irmãos que se reuniam na moradia dos missionários passaram a receber com mais assiduidade ensinamentos acerca do batismo com o Espírito Santo e da cura divina. No quartinho existente naquele porão, e nos lares de alguns crentes da igreja Batista, vários cultos passaram a ser realizados. Num desses cultos, Gunnar Vingren perguntou a uma irmã que sofria de câncer nos lábios, se ela estava disposta a abandonar todos os remédios que usava e crer que Jesus a podia curar naquele momento. Ela respondeu que sim. Os irmãos oraram e o Senhor a curou completamente!

Aquela irmã chamava-se Celina de Albuquerque, e nos cultos de adoração que se seguiram, ela começou a pedir a Jesus o batismo com o

Espírito Santo. Naquela mesma semana, após o culto de quinta-feira, acompanhada da irmã Nazaré, ela continuou buscando a face do Senhor, e à uma hora da madrugada, Jesus a batizou com o Espírito Santo e com fogo, e ela falou durante mais de duas horas em outras línguas com Deus! Segundo o que documentou Gunnar Vingren, "foi a primeira operação do batismo com o Espírito Santo feita pelo Senhor Jesus Cristo em terras brasileiras".

No outro dia, a irmã Nazaré, que vira a irmã Celina ser batizada, relatou aos demais membros da igreja tudo o que testemunhara. Naquele mesmo dia, orando em companhia de outras irmãs no local onde os missionários realizavam cultos de oração, a irmã Nazaré também foi batizada com o Espírito Santo, e cantou um hino no Espírito! Com exceção de um evangelista e da esposa de um diácono, todos os demais irmãos que testemunharam a manifestação do poder de Deus na vida daquelas duas irmãs, creram que tudo aquilo era obra do Espírito Santo.

#### *A visita do pastor e suas conseqüências*

Certa noite, quando vários irmãos reunidos no porão onde moravam os missionários, oravam e cantavam hinos de louvor a Deus, o pastor Erick Nilson, para surpresa de todos, ali apareceu. Gunnar Vingren e Daniel Berg já sabiam que ele não apoiava a doutrina do batismo com o Espírito Santo. Nem ele nem Raimundo Nobre, que estava estudando para evangelista. Sabiam também que o pastor Nilson, logo que chegara ao Brasil, começara a pedir que Deus cumprisse nele essa promessa. Depois de catorze dias de ele buscar a Deus, suplicando em todas as horas disponíveis do dia e da noite que o Senhor o revestisse de poder, finalmente Deus começou a derramar poder sobre ele, porém sua esposa, amedrontada, pediu-lhe que parasse com "aquilo", e não permitiu que ele recebesse a grandiosa promessa. A partir de então, Nilson tornou-se inimigo da doutrina pentecostal.

Quando o pastor entrou no recinto, os irmãos se levantaram para saudá-lo. Fez-se total silêncio na sala. Os missionários convidaram-no a participar do culto improvisado, mas ele recusou. Diante da surpresa e do ligeiro temor de alguns irmãos, o pastor identificou com o olhar a cada um dos crentes ali presentes, e disse:

- Vejo que chegou a hora de tomar uma decisão. Há algum tempo venho observando discussões acerca de certas doutrinas que não admito como certas. Isto nunca aconteceu desde que comecei a pastorear a igreja aqui em Belém. Sei, contudo, que os responsáveis por essa situação são os irmãos Gunnar Vingren e Daniel Berg, que, possuídos de um sentimento separatista, têm semeado dúvidas e inquietação no seio da igreja.

- Irmão Erik Nilson, - respondeu imediatamente Gunnar Vingren - Deus é testemunha de que não estamos aqui possuídos de nenhum sentimento separatista, e nem desejamos a desunião dos irmãos. Pelo contrário, queremos que todos sirvamos a Deus unidos no mesmo Espírito. Porém, queremos aproveitar também este momento para tornar a afirmar



que, se todos alcançarmos a experiência do batismo com o Espírito Santo, jamais nos dividiremos; seremos mais do que irmãos, seremos uma só família.

Sei que a Bíblia fala acerca do batismo com o Espírito Santo e da cura divina, - respondeu o pastor Nilson, já alterando o timbre da voz. - Porém essas coisas foram para aquele tempo. Seria um absurdo que pessoas bem informadas viessem a acreditar que isso possa acontecer em nossos dias. Hoje, temos que ser realistas e procurar não nos envolver com sonhos e falsas profecias. Quanto aos senhores missionários, se não vos corrigirdes e reconhecerdes que estais errados, é meu dever comunicar a todas as igrejas Batistas o que está acontecendo, para que se previnam contra as vossas falsas doutrinas.

Gunnar Vingren e Daniel Berg ouviram tudo aquilo com a serenidade que os caracterizava. Após todos ficarem em silêncio por alguns instantes, Vingren tornou a falar. Afirmou lamentar muito que assuntos de tal importância tivessem motivando uma discussão de caráter pessoal. Falou também que todos ali eram servos de Deus, e pregavam acerca do mesmo Deus. E finalmente concluiu:

- Na minha opinião, somos colegas, e não concorrentes. Saber-se quem leva as almas a Deus é coisa secundária. O que importa é que o número de almas salvas aumente cada vez mais. Não direi que o irmão não esteja na verdade, mas afirmo que não achou toda a verdade. Nós pregamos a verdade do batismo com o Espírito Santo e da cura divina, que Jesus pode realizar ainda em nossos dias.



*Daniel Berg*

Após ouvir o que Vingren dissera, o pastor Erik Nilson encarou os presentes. Todos os irmãos permaneciam em silêncio absoluto. Fitando os rostos impassíveis e serenos, o pastor olhou firmemente para um diácono - um dos mais antigos membros da igreja Batista em Belém - e esperou

encontrar nele o apoio que até então não encontrara em nenhum dos irmãos presentes. Mas foi para surpresa do pastor Nilson que esse irmão, em nome dos demais, disse:

- *Agora somos pentecostais!*

Pedindo inicialmente que o pastor Nilson não os considerasse traidores do Evangelho, o diácono afirmou que os irmãos reunidos ali jamais tinham tido tanta fé. A explicação para aquela mudança era que eles haviam encontrado a fé e o poder do Espírito Santo!

- Não temos queixa, pastor, - falou o diácono - de antes o irmão não nos haver falado acerca destas verdades, pois o senhor as desconhece e, não as conhecendo, não nos poderia ensiná-las. Porém desejaríamos que o irmão também recebesse estas bênçãos de Deus, a fim de nos entendermos melhor, e podermos sentir a mesma comunhão uns com os outros. Todos os irmãos aqui presentes encontram-se em um plano mais elevado, e mais perto do Céu. O irmão disse que é realista; pois bem, vou citar agora alguns casos reais ocorridos entre nós, algumas provas concretas do poder de Deus em nosso meio.

O diácono passou a relatar vários casos de cura ocorridos entre os irmãos. Certa irmã, que andava amparada por duas muletas, ouvia a pregação dos missionários acerca da cura divina, e, orando com fé, fora completamente curada! A irmã ainda usava as muletas, mas dependuradas na parede de sua casa, em local bem visível, para que todos vissem de que modo maravilhoso Jesus a curara! O caso da irmã Ce-lina também foi citado, juntamente com outros.

- Caro pastor, - concluiu o diácono - não queremos nem podemos acusá-lo de nada. O irmão tem trabalhado a fim de ganhar almas para Jesus, tem orado para que Deus dê força aos enfermos, para que eles possam suportar suas enfermidades, mas não orou para que Jesus os curasse; tampouco nos doutrinou acerca do batismo com o Espírito Santo, porque o senhor não crê nestas verdades. Porém, o irmão é testemunha ocular de alguns casos que acabei de citar.

Após ouvir as surpreendentes palavras do diácono e concluir que não encontraria ali o apoio de ninguém, o pastor Nilson dirigiu-se a Vingren e Daniel, e lhes disse:

- Já tomei a decisão que tinha de tomar. A partir deste momento, os senhores não podem mais ficar morando aqui. Procurem outro lugar; depois de tudo o que aconteceu, não os quero mais neste porão.

Em seguida, dirigiu-se ao pequeno grupo de crentes e perguntou:

- Quantos estão de acordo com essas falsas doutrinas?

Dezoito pessoas levantaram suas mãos, e foram avisadas de que seriam imediatamente excluídas de comunhão da igreja. Essa exclusão foi ilegalmente efetivada pelo seminarista Raimundo Nobre.

Vingren e Daniel Berg agradeceram ao pastor Erik todos os favores que este lhes havia prestado, e desejaram que em breve ele fosse também alcançado pela bênção do batismo com o Espírito Santo. Sem dizer palavra, o pastor virou-lhes as costas e retirou-se.

### *Surge a nova igreja*

Os dois missionários estavam agora sem ter para onde ir. Porém não se abalaram diante daquela situação. O Senhor Jesus, que os tinha dirigido até aquele momento, certamente continuaria com eles e os conduziria triunfalmente na gloriosa jornada que iniciavam. Antes mesmo de Daniel e Vingren expressarem qualquer palavra com relação ao futuro que lhes aguardava, um irmão se adiantou e falou em nome dos demais.

- Irmão Vingren e irmão Daniel, compreendemos a vossa preocupação. Quero dizer, porém, que tenho à vossa disposição uma grande sala em minha casa, que pode ser utilizada para realização de cultos. Quanto ao problema da moradia, minha casa tem espaço suficiente para ambos.

Felizes diante da imediata providência de Deus, os missionários aceitaram o convite. Naquela mesma noite, na casa da irmã Celina de Albuquerque, na rua Siqueira Mendes, 67, no dia 18 de junho de 1911, sob a direção de Vingren e Daniel, foi realizado oficialmente o primeiro culto pente-costal no Brasil. A igreja foi organizada com o nome de Missão de Fé Apostólica.

E assim, sob o límpido céu equatorial, como trigo semeado entre pedras e espinhos, alva e resplandecente como um lírio, começou a florescer nas cidades e nas selvas do Pará e do Amazonas, a igreja que, em 11 de janeiro de 1918, seria denominada Assembléia de Deus. E nada, nada conseguiu deter seu avanço. Ataques, acusações e folhetos caluniosos só serviram para aumentar o número de pessoas que vinham assistir aos cultos pentecostais e ouvir Gunnar Vingren e Daniel Berg falarem acerca do batismo com o Espírito Santo e da cura divina, e sobretudo verem a manifestação do poder de Deus entre os irmãos.

### *Colportando as sementes de vida eterna*

Quando as Bíblias e os Novos Testamentos, pedidos por Daniel Berg, chegaram dos Estados Unidos, iniciou-se então em Belém o que podemos denominar de a primeira atividade de colportagem dos pentecostais. Para desenvolver a colportagem a contento, Daniel Berg deixou o emprego na fundição, e logo constatou que não era difícil vender sua preciosa mercadoria, pois, naquela época, Bíblias e Novos Testamentos em português eram raridade no Brasil. Ele saía pela manhã com sua maleta de colportor, caminhando por ruas e estradas, batendo em dezenas de portas, oferecendo Bíblias e Novos Testamentos, e ao mesmo tempo convidando as pessoas a comparecerem ao culto, à noite.

E os frutos daquela sementeira começaram a surgir. Após crerem no Evangelho de liberdade e transformação, homens que negociavam com cigarros e bebidas alcoólicas queimavam essas mercadorias e passavam a negociar em outro ramo de comércio. Ao crerem no poder de Jesus Cristo, enfermos eram alcançados pela cura divina.

Para intensificar suas atividades de evangelismo e colportagem, Daniel resolveu seguir ao longo da estrada de ferro Belém-Bragança, onde dezenas de cidades e vilas jamais haviam sido evangelizadas. Após

despedir-se da igreja e de Gunnar Vingren, o qual estava desenvolvendo um considerável ministério como pregador, dirigente e fundador de trabalhos, Daniel Berg partiu, levando consigo duas malas cheias de Bíblias, e no coração a poderosa chama do Espírito Santo. Partiu pouco antes do amanhecer, quando pelos caminhos ainda soprava a brisa suave da madrugada, e os pássaros saudavam docemente a pálida luz da aurora, que pouco a pouco inundava a vastidão do céu.

Sabedores de que a Palavra da Verdade caminharia junto com aquele homem destemido, e em breve resplandeceria em milhares de corações, os padres daquelas cidades e vilas ordenaram que ninguém conversasse nem acolhesse em suas casas um homem alto, forte, que carregava consigo duas malas contendo livros e insistia sempre em conversar com aqueles a quem se dirigia. Daniel entendeu rapidamente a situação. Ao andar pelas ruas do primeiro lugarejo que encontrou no início de sua viagem, observou que todos o olhavam, curiosos e apreensivos.

Após caminhar por algumas horas, o missionário resolveu descansar sob uma frondosa árvore. Era quase meio-dia, e o calor se intensificara. Na limpidez do céu azul, o sol brilhava implacável. Sob aquela sombra acolhedora, Daniel pediu a Deus que interferisse poderosamente em seu favor, esmiuçando as muralhas da descrença e penetrando na dureza dos corações. Fez uma ligeira refeição e esperou que a leve brisa da tarde começasse a soprar.

Deus o conduziu, da sombra daquela árvore a uma casa onde uma senhora idosa jazia sobre o leito, gravemente enferma. E ali, entre velas e algumas pessoas que rezavam ajoelhadas diante de uma imagem, Deus manifestou o seu poder através de Daniel Berg. Ajoelhado à cabeceira da cama daquela mulher que momentos antes havia sido desenganada pelo médico, o missionário começou a conversar com a enferma.

- A senhora tem fé em Deus e em seu Filho Jesus Cristo?

Ela não pronunciou nenhuma palavra, mas acenou afirmativamente com a cabeça.

- Afirmo-lhe que Jesus se encontra presente neste quarto e está pronto a curá-la continuou Daniel. - A única coisa que a senhora tem a fazer é crer nele. Desprenda-se da contemplação desta imagem, afaste o seu pensamento dela e dirija-o a Jesus, agora. Foi para dar salvação e paz a todos, sobretudo a pessoas como a senhora, que Ele morreu na cruz. Creia nestas verdades, e será curada e liberta do pecado.

Todos os presentes estavam admirados, ouvindo atentamente as palavras que aquele estranho, ajoelhado ao lado da cama, dizia à enferma.

- Mas isto parece ser coisa muito simples! - respondeu a mulher. - Será possível chegar a Jesus tão facilmente?

- Sim, é absolutamente possível. Nós, os seres humanos, costumamos colocar obstáculos no caminho de Deus, e, conseqüentemente, impedimos que Ele faça a obra em nossa vida. Porém, se a senhora quiser, eu posso pedir a Ele que a cure e que escreva o seu nome no Livro da Vida.

A enferma aceitou. Daniel Berg então pediu que todos curvassem a cabeça reverentemente, e, orientando a enferma a acompanhá-lo em

oração, ergueu sua voz aos céus. Após a oração, confessando estar sentindo um indizível refrigério em sua alma, a senhora adormeceu.

Ao sair daquela casa, o missionário deixou uma nova criatura em Jesus Cristo. Tempos depois, vários parentes daquela senhora se converteram ao Evangelho, e o seu lar foi transformado em uma Assembléia de Deus!

### *Resgatando almas para Jesus*

Muitas foram as experiências vividas por Daniel Berg durante sua longa caminhada margeando a estrada de ferro Belém-Bragança. Por ele ter sido perseverante, e acreditado que a chama pentecostal em breve irromperia em inúmeros pontos do Brasil, e por não se ter entristecido com as afrontas e agressões físicas, as sementes plantadas germinaram e floresceram. E os frutos do seu labor perseverante estão sendo colhidos há mais de 70 anos em todo o território brasileiro.

Evangelizando as cidades e os lugarejos que encontrava ao longo da Belém-Bragança, "o estrangeiro que vendia Bíblias" caminhava anunciando a Luz Eterna que redime os corações. E era ouvindo a Palavra de Deus que muitos adversários do Evangelho se convertiam e saíam por sua vez, a levar a outros a mensagem de salvação. Como fruto daquela dificultosa viagem, em pouco tempo vinte Assembléias de Deus surgiram entre Belém e Bragança.

E assim, apesar das barreiras erguidas por todos os lados; apesar das perseguições e das agressões físicas (certa vez jogaram lama no rosto de Daniel, quando ele estava pregando), a obra de Deus cresceu portentosamente, avivada pela chama do Espírito Santo.

De Bragança, Daniel partiu para levar o Evangelho aos moradores de centenas de casebres construídos em plena selva. Deixou ruas e estradas para trás, e passou a caminhar por veredas estreitas, por caminhos desconhecidos, por trilhas abertas na floresta tropical. Ali, gigantescas árvores erguiam possantemente, formando, no alto, em todas as direções da selva, um teto de folhagem que só permitia, num e noutro lugar, a filtragem de alguns raios solares. Não existe sol do meio-dia nas florestas. A fraca luminosidade sob as árvores dá a impressão de se estar sempre em pleno entardecer.

Conduzindo duas malas repletas de Novos Testamentos e Bíblias, Daniel caminhou pela selva à procura de almas para o reino de Deus. Logo aprendeu que os moradores daquela região costumavam construir suas casas nas proximidades de clareiras e nas margens dos rios.

Próximo a uma daquelas humildes casas de palha, certa vez ele se deparou com um grupo de crianças que brincavam. Depois de conquistá-lhes a confiança, Daniel ficou sabendo, através delas, que a mãe de um rapazinho ali presente havia morrido naquele dia. Conduzido por esse rapaz, Daniel entrou naquela casa onde algumas pessoas choravam ao redor da morta. Leu um trecho da Bíblia sobre a ressurreição; orou; confortou o dono da casa e ganhou aquela família para Jesus.

### *O Evangelho anunciado sob perseguições*

Antes de se afastar daquela localidade, Daniel foi vítima de um atentado, mas o Senhor fez com que os homens sanguinários o confundissem com um morador daquela região. Porém, apesar das perseguições e da neutralidade da autoridade policial local, uma pequena congregação da Assembléia de Deus surgiu ali.

Após certificar-se de que a igreja que por ele fora estabelecida estava firmada em Jesus Cristo e cheia do poder de Cristo, Daniel despediu-se dos irmãos e partiu, seguindo a direção que o Espírito Santo lhe indicava. Para atingir o lugarejo mais próximo, era necessário alugar um barco e atravessar um grande rio. Na outra margem erguia-se a selva e seus inumeráveis perigos.

### *O Evangelho nas selvas*

Conversando com o barqueiro que o conduzia à margem, Daniel ficou sabendo que naquela região havia cobras gigantescas, onças pintadas e bandos de jacarés.

- Não conheço esta região, mas isso não me causa medo algum, pois Jesus está comigo - disse Daniel ao barqueiro. E passou a fazer uma apresentação mais detalhada de Jesus, como o melhor amigo. No final daquela conversa, o barqueiro aceitou Cristo como seu Salvador. Sentados diante um do outro, dentro do barco, Daniel leu um trecho da Bíblia e pediu que o Senhor resgatasse aquela alma do pecado e da ignorância.

Quando chegaram à outra margem, o dia começava a escurecer. Os sons característicos da selva saudaram Daniel Berg, que desembarcou rapidamente, pegou suas duas malas, rejeitou as armas que o barqueiro lhe ofereceu (ele estava conduzindo a mais possante de todas as armas - a Bíblia) despediu-se dele e rumou para o estreito caminho que se iniciava ali e se perdia no interior da selva.

Começou a andar apressadamente, pois em breve seria noite, e ele sabia que teria de atravessar um pântano. À medida que avançava, a vereda tornava-se mais estreita. Cipós cruzavam-se de uma árvore a outra, e havia galhos pelo chão, que lhe embaraçavam os passos. Mas ele caminhava sob a luz do Altíssimo, e seu coração descansava na confiança depositada em Deus. Alcançou o pântano, tirou os sapatos, arregaçou as bainhas da calça e iniciou a dificultosa travessia, atolando-se aqui, caindo ali, até chegar ao outro lado. Lavou-se rapidamente, calçou os sapatos e continuou pela floresta.

Os sapatos começaram a calejar-lhe os pés. Ele os tirou imediatamente. Foi incomodado pelas formigas, pisou em cactus, tentou livrar-se dos espinhos maiores, mas teve de continuar caminhando, pois a penumbra sob as árvores tornava-se cada vez mais densa, e havia os perigos noturnos da selva. Sentia dores na planta dos pés, mas não podia calçar os sapatos. Subitamente, estranhou ao ver que uma vala dividia o caminho. - "Quem teria interesse em cavar uma vala no meio da selva?" - pensou. Mas parou imediatamente de caminhar ao lembrar-se do aviso dos

irmãos: "Quando encontrar uma vala na estrada, principalmente se for em terra mole, afaste-se dela, pois é o caminho da sucuri."

Ele ainda estava sob o efeito dessas palavras, quando a gigantesca cobra apareceu à sua frente. A uma distância de menos de dois metros, a sucuri ergueu a cabeça até a altura do rosto de Daniel, e começou a fazer movimentos com o corpo, tentando hipnotizá-lo, como fazia com todas as suas vítimas, antes de atacá-las. Paralisado pelo medo, o missionário começou a clamar angustiosamente em espírito, pedindo que o Senhor o livrasse daquele monstro pavoroso. O tempo parecia haver parado em toda a selva. Um suor frio descia lentamente pelo rosto de Daniel, e ele permanecia ali, parado diante da morte, clamando insistentemente a Deus. Súbito, todo o corpo da sucuri estremeceu; ela desviou sua cabeça para o lado, movimentou rapidamente seu enorme corpo, e sumiu por entre as árvores.

Daniel glorificou o nome do Senhor por aquele grande livramento, e reiniciou sua viagem, sentindo a alma leve e o coração cheio de júbilo e de gratidão a Deus!

Quando conseguiu alcançar uma vereda um pouco mais larga, a noite já se apossara completamente da floresta, e a escuridão era total. Caminhando descalço, Daniel temia pisar em algum inseto venenoso ou ser picado por uma cobra. De repente o urro de uma onça cortou o silêncio da noite. O missionário parou e esperou que a fera desse outro sinal. A onça urrou outra vez, em um lugar mais próximo dali. Subitamente começaram a ser ouvidos os latidos de um cão, mas logo se transformaram em ganidos, e em seguida silenciaram.

Daniel continuou a caminhar, os olhos prescrutando a densa escuridão da selva, os ouvidos atentos aos ruídos noturnos, esperando a onça urrar a qualquer momento.

Inesperadamente, uma pequena luz se movimentou por entre as árvores, e começou a se aproximar dele. Era uma lamparina de querosene. O homem que a conduzia olhou desconfiado para Daniel, mas logo adquiriu confiança ao ser cumprimentado pelo missionário. Após trocarem algumas palavras, o homem ergueu a lamparina acima de sua cabeça e apontou para os restos sanguinolentos de um animal que jazia morto há alguns metros dali, e disse:

- Era o meu cachorro. Ele nunca enfrentara a onça diretamente. Mas hoje algo o levou a enfrentar a fera até a morte.

Imediatamente Daniel entendeu que Deus usara aquele cachorro para livrá-lo das garras assassinas da onça. Após convidar o missionário a hospedar-se em sua casa, o caboclo falou:

- O senhor deve ter uma arma bem possante, pois só estando bem armado alguém teria coragem de andar por esses lados, cheios de cobras e onças.

- Sim, realmente eu ando bem armado. A minha arma é esta - respondeu Daniel, mostrando-lhe a Bíblia.

Caminharam até chegar diante de uma casinha humilde, de paredes de barro e de varas (taipa), com teto de palha. Ali morava aquele homem

com a esposa e filhos. Eles arranjaram água para o missionário lavar os pés, ajudaram-no a se livrar dos espinhos maiores (no outro dia, o ajudariam a tirar os menores), prepararam-lhe uma rápida refeição e providenciaram um lugar onde ele pudesse repousar aquela noite. Naquela casa o Senhor mais uma vez livrou Daniel de ser picado por uma cobra. No dia seguinte, após presentear o caboclo com uma Bíblia, Daniel prosseguiu sua viagem, sabendo que deixara a semente do Evangelho plantada naqueles corações.

Caminhou até o anoitecer, quando parou para dormir em uma cabana sem teto. A chuva que caiu naquela madrugada deu-lhe a impressão de que a água arrastaria a cabana. Porém seu coração estava tranqüilo, pois ele sabia que as Bíblias estavam bem protegidas dentro da mala. Mas as roupas que usava só secaram algumas horas depois, quando ele reiniciou a viagem até chegar a um lugarejo, onde um pequeno grupo de irmãos o recebeu.

Naquele vilarejo, Daniel realizou cultos ouvindo urros de onças e gritos de outros animais bem próximo da casa onde os irmãos se reuniam. Segurando em uma das mãos a lamparina de querosene e empunhando a Bíblia com a outra, Daniel Berg lia a Palavra de Deus diante da pequena congregação. Por não dispor das mãos livres, os mosquitos picavam o seu rosto, pescoço e braços. Foi em um desses cultos que ele contraiu malária. Debilitado e sentindo febre e calafrios por todo o corpo, o missionário ficou acamado durante vários dias. No intuito de reanimá-lo, os irmãos chegaram até a preparar-lhe um jantar especial, cujo prato principal era uma das iguarias da selva: um macaco cozido! Agradecendo a gentileza dos irmãos, o missionário confessou não estar com apetite.

Alguns dias depois, Daniel foi reconduzido a Belém em companhia de dois irmãos (um deles fora enviado por Gunnar Vingren, que dias antes recebera uma carta de Daniel, onde este lhe falava do seu estado de saúde).

Os três viajantes atravessaram a selva, foram transportados pelo mesmo barqueiro que fizera a travessia de Daniel Berg, chegaram em terra firme e caminharam até a estrada de ferro onde Gunnar Vingren os esperava. Daniel foi conduzido à casa de Vingren, e lá ficou, tendo crises de febre até que o Senhor o curou. (Alguns meses depois, o missionário tornou a contrair a doença, mas, então o Senhor o curou de uma vez por todas.)

Deus ainda usou inúmeras vezes o seu servo no meio dos perigos da selva, dos rios caudalosos e de homens sanguinários, até chamá-lo, em 1963, para as mansões eternas. Mas nem o naufrágio que sofreu, pela correnteza de um perigoso rio, ao navegar em uma pequena canoa, nem as dificuldades enfrentadas durante as viagens no barco Boas-Novas, nem as palavras e os gestos ameaçadores que lançaram sobre ele e Vingren, quando visitavam a ilha de Marajó, fizeram-no desistir do empreendimento maravilhoso de levar a Palavra de Deus aos corações de muitos daqueles que viviam em pequenas cidades e entre rios e florestas daquelas regiões longínquas.

Na condição de evangelista e primeiro colportor pentecostal no Brasil, Daniel Berg avançou pelas selvas adentro, alcançou casas isoladas e



lugarejos de difícil acesso; caminhou centenas de quilômetros a pé, navegou pelos rios do Amazonas e do Pará, sob o sol, sob a chuva, de noite e de dia, por veredas estreitas e mato fechado, enfrentando os mosquitos transmissores da malária, os perigos e as surpresas da floresta e do coração do homem mau, e realizando um trabalho superior ao de Fernão Dias Paes Leme, o bandeirante caçador de esmeraldas, pois pescava almas preciosas para o reino de Deus.

À semelhança do grande bandeirante, ele também desbravou o desconhecido, mas tão-somente à procura de almas, de "esmeraldas" resgatadas das impurezas da terra para serem conduzidas aos tesouros do Céu. E dele pode-se dizer o mesmo que Olavo Bilac disse de Fernão Leme:

"Cada passada sua era um caminho que surgia." Pelas veredas do Evangelho dificilmente abertas, germinaram, como sementes férteis, suas gotas de suor, suas lágrimas, a fome, as vigílias. E hoje, sob as mãos abençoadoras de Cristo, quando a Assembléia de Deus cresce em todo o Brasil, as inúmeras atividades evangelísticas reascendem continuamente nos corações de todos os pentecostais, a esperança de um dia, nas ruas da Jerusalém Celestial, podermos nos encontrar com o nosso irmão Daniel, aquele que, para levar a semente de vida eterna ao coração de milhares de brasileiros, enfrentou os perigos das selvas amazônicas.

## **Nels Julius Nelson, um gigante da fé evangelizando do Norte ao Nordeste**

Em dezembro do ano de 1912, vindo da Suécia, um jovem de cabelos lisos e escuros, ombros largos e andar firme, chegava à cidade norte-americana de Mineápolis, Estado de Minesota. Naquele seu modo decidido e seguro de andar, quem o observasse talvez o confundisse com um dos inúmeros adolescentes que transitavam pelas ruas, sedentos de aventura e de progresso. Mas aquele rapaz era diferente. Aos dezoito anos de idade, um metro e oitenta e seis de altura, Nels Julius Nelson viajara da terra natal - a Suécia - para os Estados Unidos, pelo simples fato de crer que Deus o chamava para realizar um grande trabalho - obra que envolveria toda a sua vida.

E foi isso que ficou patente após ser abraçado naquela manhã pelo seu tio - um homem bem estabelecido em Mineápolis, que, juntamente com sua família, servia ao Senhor.

Dois anos após sua chegada, Nelson tornou-se membro da Igreja Luterana, apesar de seu tio e seus primos insistirem em que aceitasse a fé pentecostal. Certa noite, porém, ao voltar a casa, seu tio o cumprimentou, como fazia de costume. Sem dar resposta à saudação, o moço recolheu-se aos seus aposentos, profundamente triste, sem ele mesmo saber o porquê daquela tristeza. Quando se preparava para dormir, sentiu-se subitamente invadido por uma grande inquietação, a maior que já experimentara até ali, mas semelhante àquele estado descrito pelo autor da carta aos Hebreus (10.27): "... uma certa expectativa horrível de juízo e ardor de fogo, que há de devorar os adversários". Uma profunda convicção de seu estado de pecabilidade apossou-se de sua alma. Sim, era um pecador. De nada lhe adiantava pertencer a uma igreja, pois até aquele momento o seu coração ainda não havia sido habitado por Jesus Cristo.

Naquele mesmo instante, o Espírito Santo o encheu de convicção de que precisava ser salvo, e fê-lo levantar-se, sair rapidamente do seu quarto e acordar o tio, pedindo-lhe que orasse por ele. Após ser lida a Palavra de Deus, Nels Nelson recebeu Cristo como seu Salvador. A 15 de abril de 1915, já freqüentando uma igreja pentecostal, foi batizado em águas e, em 19 de novembro de 1916, o Espírito do Altíssimo desceu sobre ele, como uma luz quente, límpida e serena, fazendo-o falar as línguas dos céus. Um transbordamento de júbilo e êxtase cobriu-lhe a face. Naquele momento recebia a virtude do Espírito Santo, e seria testemunha de Jesus Cristo, tanto na Suécia, como nos países circunvizinhos; entre seus familiares, e até os confins da terra.

Não demorou muito a ser chamado para o trabalho missionário. Orando certa vez na casa do seu tio, o Senhor o chamou para evangelizar um país distante, mas não houve menção do nome do país. No entanto, uma circunstância curiosa veio esclarecer tudo: o tio e o primo do irmão Nelson, que também ali estavam presentes, tempos antes haviam sido

chamados para o trabalho missionário no Brasil. Mas temendo deixar um país tão fértil como os Estados Unidos, e sobretudo por terem muitos bens, pai e filho não deram ouvidos à chamada do Senhor. Insistiria o Senhor, agora, na chamada missionária para esse país? - Sim, Ele agora chamava para essa missão o irmão Nelson. Estava confirmado, e os que não obedeceram à visão celestial, perderam a sua oportunidade.

O irmão Nelson continuou trabalhando normalmente, mas tratando sempre dos preparativos para a viagem. Seus companheiros de trabalho, diante de sua resolução de abandonar um emprego onde estava bem colocado, e que lhe dava condições de tornar-se rico, perguntavam-lhe por que ele não desistia daquela viagem a um país tão inóspito e distante. Ali mesmo, nos Estados Unidos, poderia ele servir ao seu Deus. Mas Nelson respondia: - "Recebi tanto, tanto, de Jesus Cristo, que tenho de obedecer-lhe e dar do que recebi àquele povo do distante Brasil!" Naqueles dias, vindo da Suécia, chegava a Mineápolis, para participar de uma convenção, o missionário Gustavo Nordlund. Ele nunca vira o irmão Nelson antes. Quando os dois se encontraram, o irmão Gustavo disse-lhe: "Irmão Nelson, Deus me revelou o teu nome e que vais para o Brasil". Não pensavam nessa ocasião que, futuramente, trabalhariam juntos, no mesmo país. A primeira grande prova de fé que o missionário Nelson enfrentou foi saber que sua igreja não o poderia manter no campo para onde ia. Não desanimou: começou imediatamente a orar e o Senhor logo tocou o coração de vários irmãos, fazendo-os prometer que o manteriam durante todo o tempo em que ele estivesse no Brasil.

Em 21 de março de 1921, desembarcando em Belém do Pará, Nels Julius Nelson chegava ao Brasil. Antes estivera na Suécia e falara aos seus pais do amor de Jesus. Com vinte e seis anos de idade, possuindo uma fé sempre crescente em Deus, o irmão Nelson iniciou um trabalho de evangelização no Brasil que seria considerado mais tarde como o alicerçamento das Assembléias de Deus no Norte e no Nordeste do País. Pregando, visitando, indicando pastores para assumir trabalhos em campos de norte a sul, ou ele mesmo assumindo algumas vezes a direção; viajando em embarcações fluviais, as "chatas", sobre o rio Amazonas; indo ao Maranhão, ao Piauí, ao Ceará, a Mato Grosso, aos territórios, ao arquipélago de Marajó, ele foi durante mais de quarenta anos, um dos maiores líderes espirituais que já atuaram no Brasil.

Com sua grande estatura, braços longos e fortes e com mãos do tamanho da sua bondade, era um verdadeiro gigante. Mas era um gigante humilde; na sua grande simplicidade, jamais procurava sobrepor-se aos obreiros nacionais. A impressão que os pastores e evangelistas tinham quando recebiam aviso de que ele os visitaria, era de que uma grande autoridade celeste estava para chegar, para passar em revista as tropas do Senhor dos Exércitos. Resumamos o panorama dos seus quarenta e dois anos de atividade no Brasil:

Em 1921 iniciou o seu trabalho como auxiliar do missionário Samuel Nyström, na direção da AD em Belém do Pará. Cinco anos depois, mudando-se o irmão Samuel para o Rio de Janeiro, tornou-se o irmão

Nelson Presidente da igreja em Belém; e ali continuou, durante vinte anos. Nesse espaço de tempo, fundou o jornal evangélico "Boa Semente" (depois transferido para o Rio, onde tomou o nome de "Mensageiro da Paz"); deu início às chamadas Escolas Bíblicas de curta duração, que grandes benefícios trouxeram a muitos obreiros em todo o Brasil; criou classes de estudos bíblicos nas igrejas, para treinamento da mocidade, e fez inúmeras viagens a diversos pontos do País.

Essas viagens lhe custaram muito. Foi durante uma delas que contraiu malária. Sofreu desse mal durante dezoito anos. Teve muitas crises no decurso de suas viagens no barco "Boas-Novas". Mas nem a doença, nem os percursos longos, nem as regiões de difícil acesso, nem as privações a que seria obrigado a passar, o fizeram desistir daquele trabalho. Havia muita pobreza nas ilhas, tanto material como espiritual. Por isso, o irmão Nelson levava sempre a sua canoa repleta de boas-novas de salvação: folhetos, porções da Palavra de Deus e o poder do Espírito Santo, bem como peças de fazenda, roupa, sapatos, etc. Sempre um grande número de homens, mulheres, crianças e velhos o esperava nas margens dos rios para receberem algo de que necessitavam.



*Nels Julius Nelson*

Quando já pastoreava, por dez anos, a igreja em Belém, o Senhor concedeu ao irmão Nelson uma companheira, a irmã Lídia Rodrigues, com quem se casou. Contava ele então quarenta anos de idade. Desta união nasceram Ester, Ruth e Samuel. No mesmo ano do seu casamento, o missionário Gustavo Nordlund, pastor da AD em Porto Alegre (RS), precisando ir à Suécia, convidou-o para substituí-lo enquanto estivesse fora. Ele aceitou o convite, e durante um ano pastoreou a AD em Porto Alegre; em seguida voltou para Belém, a fim de continuar ali o seu ministério vasto e fecundo.

Naquela época a CPAD não possuía os meios de difusão da Palavra de Deus que possui hoje; seu alcance era muito pequeno, quase que restrito ao Estado do Rio de Janeiro. Em Belém não havia livrarias evangélicas, nem mesmo um depósito de Bíblias. Por este motivo, o irmão Nelson, quando ia ao Rio de Janeiro ou a São Paulo, visitava as livrarias evangélicas à procura de obras recomendáveis, a fim de ter sempre em boas condições o estoque que ele mantinha na igreja, única fonte ali de livros evangélicos selecionados, e que atendia às necessidades dos obreiros. Costumava aconselhar seus auxiliares a ler sempre bons livros, a fim de progredirem em conhecimento, pois as igrejas localizadas nas grandes cidades cada dia iriam exigir deles muito mais do que poderiam dar. Para que não se sentissem deslocados em tais igrejas, ele aconselhava que procurassem crescer, tanto espiritual como culturalmente, pois não tardaria o tempo quando todos os obreiros incultos poderiam ser relegados a um plano secundário.

Em 1946 o irmão Nelson foi eleito Presidente do Conselho Administrativo da Casa Publicadora, e se tornou um incansável propagador dos ideais da Casa. Ele promoveu, em grande parte, a manutenção e o progresso desta Editora. Com esse propósito, visitou não só quase todo o Brasil, mas também os EUA, a Finlândia, a Noruega e a Suécia, pleiteando ajuda de toda sorte em favor da Publicadora. Dele foi que partiu a iniciativa da construção de um novo prédio e da compra de novas máquinas.

Em 1950 mudou-se para o Rio de Janeiro e pastoreou a AD em São Cristóvão até o ano de 1957. A partir desta data, passou a atender o trabalho em todo o Brasil, deslocando-se para as igrejas nas quais sua presença se fazia necessária. Mas nesse mesmo ano, o processo da doença que o levaria para a Glória começou a se desenvolver, obrigando-o a ficar em casa. Quando obreiros o visitavam, falava do amor que tinha ao trabalho no Norte do Brasil. Certa vez, confessou entre lágrimas: "Se eu viesse a saber da aproximação de minha morte, embarcaria e iria findar minha carreira lá na Amazônia, onde a comecei."

Em junho de 1962, iniciou-se o que podemos chamar de os seus últimos contatos com o trabalho que tanto amava. Esse foi o ano da Convenção Paraense, e aqueles que acompanharam o irmão Nelson admiraram-se de sua atividade ininterrupta, pregando, dirigindo estudos bíblicos, visitando o interior do Estado, tudo com tal dinamismo que levou todos a pensar que aquilo era uma verdadeira despedida. De Belém dirigiu-se ao Paraná, seguindo o itinerário que ditava o seu coração.

Era seu propósito percorrer todos os Estados onde havia trabalhado para fazer continuamente arder a lâmpada da salvação nos caminhos noturnos e tenebrosos do pecado. Do Paraná, dirigiu-se a Manaus, de Manaus a Belém, de onde, com o estado de saúde cada vez mais abalado, quase se viu impossibilitado de viajar ao Recife. Mesmo assim, chegou a essa cidade, e participou da Convenção Geral que ali se realizou no mês de novembro. Ao término da Convenção, rumou para o Rio de Janeiro.

O homem que Deus usara com tanto poder na evangelização do Norte e do Nordeste do Brasil, o homem cujo coração Deus enchera de paciência e de amor para com aquelas almas que habitavam regiões de difícil acesso, estava agora à morte. Já no fim, tinha saudade daquela gente pobre e faminta a quem falara do grande amor de Jesus, e que nunca poderia imaginar que Deus traria um homem da Suécia e o conduziria àqueles distantes lugares, cheio de bondade e de amor, para lhes falar da salvação.

Os que estiveram com o irmão Nelson no seu último instante, puderam ver que em seus olhos ardia, em sereno e profundo brilho, a luz tranqüila de um amor provado, seguro, que dera o quanto havia de dar, o quanto tivera para dar, o quanto Cristo lhe dera e lhe mandara que desse.

Eram quinze horas e quinze minutos do dia cinco de março de 1963, quando na CPAD todas as atividades foram paralisadas, e os telefones começaram a anunciar nas mais diversas partes do País, a notícia da partida para o LAR, do Apóstolo da Amazônia! Na madrugada daquele dia, a irmã Lídia Nelson ouvira, no Hospital Evangélico, na Tijuca, onde se encontrava fazendo companhia ao seu marido, ao som de violino a invadir o silêncio dos corredores escuros, tocando brandamente o hino "Oh! que doce lar!" Curiosa, não sabendo de onde vinha aquela melodia tão suave, aproximou-se do leito onde se encontrava o irmão Nelson. Ele dormia tranqüilamente. A madrugada estava mergulhada em uma profunda paz. Havia anjos por ali!

O pastor Alcebiades de Vasconcelos, que esteve ao seu lado nos últimos momentos, escreveu: "Vi morrer um grande! vi morrer um forte! vi morrer um justo! E, ao vê-lo, um único pensamento subiu ao meu coração: o de agradecer a Deus por aquela vida que Ele graciosamente dera ao Brasil, como testemunho do seu amor para com os filhos deste grande País".

"Foi um sol que nasceu brilhando com muita intensidade e que desapareceu no ocaso", escreveu o irmão Emílio Conde, ao noticiar na revista "A Seara", o falecimento do missionário Nelson. O corpo foi velado durante toda a noite no templo da AD em São Cristóvão e, pela manhã, acompanhado por uma grande multidão, foi conduzido ao Cemitério do Caju. Sobre a pedra do seu túmulo foi colocada uma pombinha de mármore de Carrara. Sua cabecinha triste e desolada, suavemente repousada sob as asas, parece demonstrar a atitude de quem está só, e espera...

Aquele corpo que ali está estendido na inevitável horizontabilidade da morte, parece um dos trinta valentes de Davi que resolveu descansar. O vento que suavemente sopra por cima daquela lápide, soprará sobre as

asas de mármore daquela pombinha - símbolo de espera e de esperança -  
anunciando continuamente:

Breve virá! breve virá!

Breve Jesus voltará!

Integrado na perpétua serenidade de Deus, alto e belo como as  
estrelas, descansa Nels Julius Nelson, o irmão Nelson.

## **Emílio Conde, o apóstolo da imprensa evangélica pentecostal no Brasil**

Naquele edifício residencial no bairro de Santa Tereza, aquela janela acesa em um dos seus apartamentos, aquela lâmpada amarela que avança nítida no tempo, através das horas frias e silenciosas da noite, não representa a vigília angustiada de algum enfermo, nem a insônia de um coração intranquilo, ou o próprio guardião da madrugada a velar o sono das criaturas. Não. É apenas um homem que escreve, um trabalhador solitário que, sob o olhar terno e sereno de Cristo, prepara artigos para serem divulgados no meio evangélico. No final de cada um deles o leitor lera as iniciais E.C. - Emílio Conde.

Enquanto esse homem solitário escreve, sua fronte se ilumina em enlevos de visitaçao ao Céu; sua mente percorre "as ruas de ouro e cristal da formosa Jerusalém", e, sobre o papel, seu punho se agita, e a página branca, ao toque da tinta negra, torna-se mais branca ainda, alva como a neve, porque nela estão sendo escritas palavras pronunciadas na Cruz.

Emílio Conde nasceu no dia 8 de outubro de 1901, em São Paulo. Seus pais, João Batista Conde e Maria Rosa eram de origem italiana. Conseqüentemente, o primeiro contato de Emílio com o Evangelho foi na Congregação Cristã do Brasil, fundada por italianos. Ali, o futuro escritor evangélico creu em Jesus Cristo e se tornou membro da igreja no dia 21 de abril de 1919, sendo em seguida batizado com o Espírito Santo. Transferindo-se para o Rio de Janeiro, passou a freqüentar a Assembléia de Deus na Rua Figueira de Melo, 232, em São Cristóvão, pastoreada na época pelo missionário Samuel Nyström. Entusiasmado com o calor espiritual dos que ali se reuniam para cultuar a Deus, Emílio Conde transferiu-se de sua denominação e tornou-se membro dessa igreja.

Os anos que se sucederam foram empregados na busca incansável dos meios, os melhores que fossem, de agradar a Cristo. Era mister servi-lo com toda integridade de coração e amplitude de espírito. E

Emílio Conde passou a empregar as suas horas vagas no estudo e meditação dos conhecimentos bíblico e humano. Eram necessárias bases sólidas para a construção do edifício espiritual que iria surgir de suas mãos.

Principiou pelo conhecimento de sua língua, e depois de dominá-la satisfatoriamente, passou ao aprendizado de outras. Aprendeu o inglês e o francês, sendo-lhe assim fácil o acesso à literatura desses idiomas, tão ricos em livros de inspiração evangélica. Leu boas obras ainda não traduzidas para o português. Foi um perfeito autodidata. Sua curiosidade abrangia vários ramos da cultura humana. Cabe porém salientar daqui que estas leituras não o desviaram da Bíblia, pois era do seu conhecimento que "por abundantes que sejam os regatos, mais agradável é beber na fonte". Deste modo, dia a dia ele perseverava na oração e na leitura da Palavra de Deus, fazendo grandes progressos nos caminhos do Espírito. Era costume



seu isolar-se para meditar e sentir "a largura, o comprimento, a altura, e a profundidade do amor de Cristo que excede todo o entendimento" (Efésios 3.18,19).

Aonde chegava dava seu testemunho de crente. E assim, pela intensidade de vezes que subiu ao púlpito, sua palavra foi pouco a pouco se delineando, tomando feições amplas, tanto pela soma de conhecimentos que apresentava, como pelo evidente toque do Espírito. "Era agradável ouvi-lo" - disse um reverendo acerca do seu testemunho - "pois ele somava à unção espiritual e ao profundo conhecimento bíblico, uma vasta cultura secular".

Em 1937, o missionário Nils Kastberg encontrou-o trabalhando como intérprete em um restaurante do Rio de Janeiro. A Casa Publicadora começava a surgir nesse ano. - "Irmão Conde, necessitamos de alguém para atender ao expediente da redação de nosso periódico, o 'Mensageiro da Paz'. Sabemos que o irmão reúne em si todas as qualificações necessárias para tal cargo. O irmão aceita ser nosso redator?" Surpreso, antevendo a determinação divina que se sobressaía naquele convite tão simples, e sentindo-se tocado em um dos pontos fundamentais de sua vida, a sua vocação, aceitou. Era o amanhecer do ministério do apóstolo da imprensa evangélica pentecostal no Brasil.

Emílio Conde tratou de reunir então todo o material que havia acumulado durante anos e anos de estudos e pesquisas. Seus livros, seus cadernos de notas, trechos extraídos de muitas leituras, comentários feitos às margens das páginas dos inúmeros volumes que lera, esboços de obras em fase de conclusão, e, sobretudo, as revelações do Espírito Santo anotadas durante suas leituras bíblicas pela madrugada - tudo isso seria empregado na composição dos artigos que sairiam de suas mãos. Era necessário que surgisse uma genuína literatura pentecostal, uma fonte de onde jorrassem as cristalinas palavras ditadas pelo Espírito Santo, fundamentadas em Cristo, aprovadas pelo Senhor dos senhores.

Sua admissão oficial como funcionário da CPAD data de 15 de março de 1940. Desde o convite do missionário Nils Kastberg até aquela data, fora apenas colaborador. Daí por diante, por mais de trinta anos Emílio Conde dedicaria à CPAD seu talento, sua cultura, sua impressionante capacidade de trabalho, sua mente clara e fecunda. Era um homem humilde, simples. Não costumava ostentar os conhecimentos que possuía. Entre os amigos, sua palavra simples e amena, dosada pelo bom humor e pela sinceridade, descontraía a todos os que a ele se achegassem. Para os que se viam angustiados ou confusos, procurá-lo era encontrar nele um apoio, uma palavra amiga, esclarecida, experimentada, confortadora.

Seu trabalho na imprensa evangélica não foi uma profissão: foi um sacerdócio. Trabalhou para levar a semente da Palavra aos corações, e nisto empregou toda a sua vida. Deu-se a si mesmo, como está em 2 Coríntios 8.5: "... mas a si mesmo se deram, primeiramente ao Senhor e depois a nós, pela vontade de Deus." E era tão grande seu amor por esse trabalho, que chegou a rejeitar muitas propostas de empregos extra-evangélicos, pois se os aceitasse, tomar-se-ia inepto para o desempenho da

função que exercia. E, agindo assim, sempre esteve à altura da posição que ocupava, e sempre pronto a cooperar com a causa das Assembléias de Deus no Brasil.

Graças à sua maneira sóbria e digna de se conduzir, foi, entre nós, uma espécie de representante mor de nosso movimento em todos os meios sociais e evangélicos. De 1946 a 1958 representou oficialmente as Assembléias de Deus do Brasil nas Conferências Mundiais Pentecostais, havendo estado em Estocolmo, Londres e Toronto. E foi também, durante muitos anos, nosso representante, não só na Diretoria, mas também em Comissões da Sociedade Bíblica do Brasil.

Quando principiou a escrever em função do Evangelho, eram poucos os que entre nós podiam e se prestavam a tal ofício. Portanto, foi de sua caneta que fluiu a maioria dos artigos, das notícias e das reportagens usadas no nosso jornal e nas nossas revistas, e ainda nos livros da CPAD e tudo mais que ia do Sul ao Norte do Brasil para as nossas igrejas - as mensagens escritas para edificação dos fiéis. Seu conhecimento e sua visão espiritual abrangia toda a comunidade evangélica brasileira. Empenhou-se a fundo em obter dados do Movimento Pentecostal no Brasil e no mundo e, como resultado, escreveu os livros: O Testemunho dos Séculos e História das Assembléias de Deus no Brasil (este último, reescrito e ampliado pela CPAD). Escreveu também os seguintes livros: Asas do Ideal, O Homem, Pentecoste para Todos, Igrejas sem Brilho, Nos Domínios da Fé, Caminhos do mundo Antigo, Flores do meu Jardim, Tesouro de Conhecimentos Bíblicos, e Estudos da Palavra.



*Emílio Conde*

Era, sobretudo, um homem de oração. Foi orando que recebeu de Deus inspiração para compor 25 hinos de nossa harpa, e outros, sendo dois em parceria com o missionário Nils Kastberg, e cinco com a missionária Eufrosine, Kastberg. Integrou, durante muitos anos, o Coral da Assembléia de Deus em São Cristóvão, tendo sido também organista e acordeonista. Gostava muito de cantar, e todos quantos o ouviam, sentiam vibrar as cordas de seu coração, pois ele estava sempre desejando "as ruas de ouro e cristal da formosa Jerusalém".

Considerando o imenso e relevante trabalho por ele prestado à Assembléia de Deus no Brasil, foi-lhe oferecido certa vez, por um grupo de pastores, o acesso ao Ministério do Evangelho, através de ordenação, mas ele recusou definitivamente.

Em janeiro de 1971, acometido de uma já antiga enfermidade, oriunda de complicações pós-operatórias, baixou o Hospital Evangélico, na Tijuca. Uma semana antes a irmã Didi, enfermeira que cuidou dele nos últimos meses, o encontrara dormindo com a caneta entre os dedos, debruçado totalmente sobre o trabalho inacabado. Seria sua última página escrita. Aplicadas todas as forças da alma e do corpo para servir a Cristo, toda sua vida não lhe fora suficiente; era-lhe necessário passar para a eternidade e continuar servindo "Àquele que é mais sutil que o ar, mais ligeiro que o relâmpago, e cujo olhar é mais belo que um alvorecer de primavera, e mais suave que a claridade das estrelas".

"Vinde ver o mais egrégio espetáculo que pode haver na terra: Vinde ver como morre um justo." A noite lentamente se apossara do hospital, e as sombras, crescendo nos recantos menos favorecidos pela claridade desmaiada e última do crepúsculo, escalaram pouco a pouco as paredes externas do edifício, e, silenciosas e irreversíveis, foram-no revestindo de uma tonalidade cinza. Invadindo as vidraças, penetraram no quarto de Emílio Conde, que, deitado no seu leito de morte, pesava a sua vida, o que tinha sido, o que fizera, o que deixara de fazer. Ele não se sentia só, pois desde o dia em que o Senhor se apossara mansamente do seu coração e nele fizera morada, sua alma nunca mais fora presa do angustioso sentimento de solidão. O "Não te deixarei, nem te desampararei" cumprira-se fielmente em sua vida.

Às 13.00 horas do dia 5 de janeiro de 1971, "Emílio Conde dormiu no Senhor. Às 17.00 horas do mesmo dia seu corpo saía do Hospital Evangélico para ser velado no Templo da Assembléia de Deus em São Cristóvão, ficando próximo ao púlpito, aquele mesmo púlpito onde pregara tantas vezes e onde tantas vezes cantara. A Rádio Nacional, a Tupi e a Globo noticiaram com detalhes o seu falecimento. O seu compacto "Águas Vivas" foi tocado durante toda a noite, nos intervalos dos muitos que usaram da palavra.

Pela manhã, às 9.30 horas, chegou o Vice-Governador do Rio de Janeiro, o doutor Erasmo Martins Pedro; usando da palavra, disse que Emílio Conde em vida "fazia o trabalho do acendedor de lampiões: entrava numa rua escura e ia deixando atrás de si luz". Representantes de entidades batistas disseram que Emílio Conde não pertencia somente às

Assembléias de Deus, mas aos evangélicos de todo o Brasil.

O pastor Túlio Barros pediu que todos os presentes abrissem suas harpas e cantassem juntos o hino 202: "Junto ao trono de Deus preparado..." Em seguida o pastor Alcebiades Vasconcelos leu Apocalipse 14.13, e, enquanto falava, um ancião aproximou-se lentamente do corpo e contemplou aquela face pálida e serena, transfigurada pela beleza sagrada e espiritual da morte, afastando-se mansamente depois. Era o irmão Adrião Nobre, um dos pioneiros da obra pentecostal no Brasil, e o membro número um de São Cristóvão.

Às 10.00 horas, os pastores Túlio Barros Ferreira, Alcebiades P. Vasconcelos, Geziel Nunes Gomes e o irmão Catarino Varjão empunharam as alças do caixão e se dirigiram à porta de saída do templo. No cemitério do Caju, o pastor Geziel Gomes, em nome de todos os obreiros do Campo de São Cristóvão, usou da palavra, despedindo-se de Emílio Conde. Ao concluir, disse: "Ele não gerou filhos materiais, mas os seus filhos na fé são tantos que não se podem contar." Em seguida os presentes cantaram o hino: "Pensa na celestial melodia." Por último, o pastor Túlio Barros orou. A multidão se afastou deixando atrás de si, na tumba 81.011, da quadra 81-A, do Cemitério do Caju, o corpo de um justo, o homem que soube honrar a Deus e servi-lo durante toda a sua vida.

"A tudo que é transitório soubeste dar, com a tua grave melancolia, a densidade do eterno.

Mais de uma vez fizeste aos homens advertências terríveis.

Mas a tua glória maior é ser aquele que soube falar a Deus nos ritmos de sua Palavra."

## **CONTRACAPA**

Cada um deles marcou a sua época. Eles viveram tão intensamente a Grande Comissão: “Ide por todo mundo, pregai o evangelho a toda a criatura” (Mc 16.15), e colocaram em ação uma fé inabalável – a fé que a Palavra de Deus gerou em suas almas – que servem de exemplo para os Cristãos de todas as gerações, porque cumpriram integralmente a missão que Deus lhes confiou. O ambiente em que viveram, as dificuldades que encontraram: as doenças, a fome e os perigos por que passaram, estão magistralmente descritos neste livro por Jefferson Magno Costa. Em seu modo compreensível de escrever, o autor demonstra que biografar não é simplesmente reunir dados e acontecimentos, e sim interpretar de forma fidedigna e lírica, os fatos que marcaram a existência dos biografados, principalmente daqueles que fizeram de suas vidas um sacrifício vivo no altar do Senhor. Todos os que desejarem sentir algo de sublime serão imensamente beneficiados pela leitura de *Eles Andaram com Deus*.

### **Jefferson Magno Costa,**

Articulista, funcionário da Divisão de Jornalismo da CPAD, bacharel em Teologia e professor, é também autor do livro *Paulo Macalão – A chamada que Deus Confirmou* e colaborador na *História das Assembléias de Deus no Brasil*.